

# MUSEU DA PESSOA



Museu da Pessoa

Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.

Histórias de Internautas

## Teatro, parte de mim

História de [Juliana Pedroso Sanches](#)

Autor: [Grupo XIX de Teatro](#)

Publicado em 27/07/2017

---

P/1 – Fala pra mim o seu nome, local e data de nascimento.

R – Juliana Pedroso Sanches, eu nasci em São Bernardo do Campo, 02 de janeiro de 1975.

P/1 – Me conta um pouquinho sobre a sua família. Quais os principais costumes da sua família?

R – Meu pai, o meu pai... Nossa!

P/1 – Conta um pouquinho. Você é filha única, tem irmãos?

R – Eu tenho um irmão mais novo do que eu, ele é quase quatro anos mais novo do que eu. Meu pai, ele era comerciante. Quando eu nasci, eu acho que ele tinha uma fábrica, uma fábrica de uniformes. Só que, logo que eu nasci, eu era muito pequenininha, ele faliu, então ele teve vários negócios. Minha mãe, Ela é... ela fez Magistério, mas enquanto eu era pequena, ela só ficava em casa com a gente. Aí, quando eu tinha mais ou menos uns 15, 16 anos, minha mãe voltou a trabalhar em escola. Eu lembro de... O meu pai, ele era... Ele teve vários negócios, quando eu era ainda, assim, eu devia ter uns seis, sete anos, ele abriu uma pizzaria, aí, desde então, ele só teve restaurante, assim. Ele começou a... Ele já gostava de cozinhar em casa, mas ele começou a realmente falar que ele é cozinheiro, assim, até hoje ele fala que ele é cozinheiro.

P/1 – O restaurante era junto com a casa, era próximo?

R – Não, era, era próximo, era no bairro, uma pizzaria, aí, desde então, ele teve vários restaurantes, pizzaria, restaurante, tudo em São Bernardo, ele... Eu lembro sempre: a vida da minha mãe e do meu pai sempre foi muito conturbada financeiramente, ou a gente estava bem, porque o restaurante estava bem, (risos) ou a gente estava muito mal, devendo aluguel. Então era uma coisa assim, entendeu? Até hoje eu sou traumatizada com abrir um negócio, (risos) porque eu acho bem preocupante, a minha vida inteira e até hoje eles têm negócio, tipo, é natural. Mas eles, eu lembro muito, meu pai tinha uma pizzaria, eu morava em São Bernardo, né, tinha uma pizzaria ali na Avenida Kennedy, que é uma avenida com bastante comércio lá em São Bernardo, eu morava naquele bairro ali perto, entre a Kennedy e a Anchieta. Eu lembro que a gente estava construindo a nossa casa e tudo muito enrolado, eu lembro muito, meu pai, ele ia comprar um terreno, ao invés dele comprar o terreno, tinham dois terrenos, ele construía a casa da mulher em troca do terreno dele. Você entendeu? Nunca foi uma coisa muito clara, então eu sei, eu lembro disso muito forte, então eu lembro que ele estava construindo, porque, antes de ele ter a pizzaria, ele tinha uma loja de material de construção, talvez por isso que ele tenha feito esse acordo, fazia sentido, do terreno pela... Enfim, e ele... Eu lembro dessa pizzaria que nós tínhamos, e a casa estava sendo construída, então era uma fase de muita privação e naquela época a gente morava de aluguel, porque estava construindo a casa. O dono da casa, ele era amigo da vizinha, e eu lembro várias vezes ele indo à noite visitar a vizinha e a minha mãe apagava todas as luzes da casa com medo de ser cobrada e ficava com uma vela no quarto, contando história pra mim e pro meu irmão, pra ninguém chorar, porque era casa geminada, se alguém chorasse... (risos) Então eu lembro muito, pra mim foi muito, é muito doido, porque eu lembro muito dessa situação incômoda, de dever, de, sabe, de... Minha mãe passava muito desespero com isso. Então, quando a minha mãe voltou a trabalhar, eu já tinha uns 15, 16 anos, melhorou muito a nossa situação, porque a minha mãe é muito organizada com as coisas, então tudo mais regrado, mas ela tem uma organização, assim, né, de... Enfim. Agora, de costumes, eu lembro, por conta da pizzaria, a gente vivia na pizzaria, eu lembro de dormir, tinha uma época que ele tinha uma outra pizzaria no Centro de São Bernardo, que tinham dois fornos à lenha, um usava e outro não, então quando começava a ficar tarde, eu e meu irmão, a gente ia pra baixo do outro forno à lenha, ficava quentinho, tinha um colchão, (risos) a gente dormia lá

porque tinha umas festas. Mas eu lembro muito da gente viver no restaurante do meu pai, basicamente, e das reuniões de Tupperware, que minha mãe sempre tinha reunião de Tupperware, lembro muito, reunião de lingerie, era muito divertido, porque elas faziam um chá e chamavam todas as vizinhas da rua e brincava muito na rua também, é, porque morava em bairro, né, então era...

P/1 – Do que vocês brincavam?

R – Ai, eu sempre tive brincadeira de menino, eu nunca brinquei muito de boneca, brincava muito de correr, de pular muro, tinha muita casa, eu morava perto de um bairro que era um bairro que já tinha sido muito rico, mas estava em decadência, então tinha muitas casas abandonadas, então a gente ia andar de bicicleta nesse bairro, chamava Parque Anchieta, até hoje tem lá em São Bernardo, e a gente invadia. Aquela noção mesmo, aquela coisa que já foi falada, que: “Se minha mãe soubesse”, se eu penso nisso, eu fico desesperada com o meu filho, mas a gente sempre brincou, gostou de brincar de coisas assim, porque eu acho que tinha muito um... Nunca era uma brincadeira clássica, tipo: “Vamos brincar de pega-pega”, a mais clássica era tocar a campainha e sair correndo, que essa a gente brincava bastante, que era casa, muita casa, não tinha quase prédio. Agora, nós brincávamos muito de umas brincadeiras, assim, aventura, aí cada um pegava uma bicicleta e ia indo, inventava uma história e pulava o muro, sabe, sempre umas brincadeiras, ia pro telhado de algum lugar, sempre umas brincadeiras que envolviam, que tinham uma linha, né, tinham uma dramaturgia, mas tinha muita ação, assim, brincava de As Panteras.

P/1 – Nessa época, era você, brincava com as suas amigas ou era você e seu... Como é, o seu irmão é mais novo, né?

R – Ele é mais novo.

P/1 – Como é que era?

R – Meu irmão sempre foi meio junto, sempre foi meio carregado, ele não gostava muito dessas brincadeiras, mas ele era carregado, até que ele pegou gosto depois também. Mas eu brincava, era bem misturado, As Panteras tinha umas meninas, mais meninas junto, mas a gente brincava muito com o pessoal da rua, sabe, brincava. Eu morei em duas casas lá em São Bernardo na minha infância, uma foi essa casa alugada, que aí eu lembro bastante de brincar uma turma grande na rua e brincava de mãe da rua, brincava de coisas na rua e já brincava, pegava a bicicleta e saía. E depois, quando ficou pronta a minha casa, era umas três ruas só depois, nessa casa eu morei até ficar adulta, até meus pais mudarem pra Santa Catarina, eu continuei morando na casa ainda um pouco, sozinha, essa outra casa, eu já tinha uns oito, nove anos, então nessa casa eram as brincadeiras mais hardcore dos telhados (risos). Nessa casa tinha uma, a turma era muito grande, mas tinham momentos, porque teve um predinho do lado dessa minha casa e o predinho, todo mundo que morava lá era de aluguel, então as pessoas eram muito, ficavam dois anos, um ano, eu que continuava, mas mudava um pouco, sabe, as pessoas que brincavam comigo, mas, enfim, sempre... Eu também tive um irmão, quando nós fomos pra essa casa, o meu irmão já era um pouco maior, e meu irmão sempre foi muito popular, muito popular, então ele, até hoje, tem um monte de gente que me conhece por conta que eu sou irmã dele, lá do bairro. Eu sempre brinquei com um monte de gente, mas o Rodrigo, ele brincava com pessoas de ruas que eu nem sabia que existiam, então a turma era sempre muito grande, era muita molecada. Eu lembro também que, no verão, as mulheres, as mães, era muito machista esse ambiente, porque eu só lembro das mulheres fazendo isso, não lembro dos pais, sentarem, elas compravam cerveja na padaria, elas sentavam na calçada e a gente ficava brincando, às vezes a gente sumia, ia pra outro lugar e elas ficavam lá batendo papo, bebendo cerveja, eu lembro muito disso. Era uma rua também que na época de São João a gente fechava, sem pedir pra prefeitura, nada, a gente passava uma faixa, ninguém entrava na rua, e fazia fogueira, tinha uma apropriação, né, da rua. E brinquei muito, muito, muito, pensando, assim, de teatro também, porque eu sempre fazia, festa do Dia das Mães, festa do Dia das Crianças, aí eu fazia uma peça com todo mundo da rua, eu que ensaiava. Eu tive, acho que eu tinha uns 12 anos, eu abri uma escola de teatro na minha casa, de teatro não, de dança, chamava Primeiro Passo, eu fiz folder, tipo, panfletei no bairro, eu tinha vários alunos e eu dava aula de balé e obrigava os meninos, porque as meninas iam de livre e espontânea vontade, os meninos eu obrigava, porque eles eram meus amiguinhos, mas pra ser eles tinham que dançar, pra ter, sabe, o pas de deux, eu, tipo...

P/1 – Você já aprendia balé antes?

R – É, eu sempre gostei, balé, desde pequenininha, eu sempre estudei em escola pública, eu fiz EMEI [Escola Municipal de Educação Infantil], depois eu fiz Escola Estadual, depois eu fiz ETE [Escola Técnica Estadual], tudo pública e na EMEI eu fiz balé. Aí, quando saí da EMEI, na Escola Estadual não tem balé, então minha mãe me colocou no piano, que ela queria muito que eu fizesse piano, eu comecei a fazer o terror da vida da professora, porque eu nunca, eu sempre fui uma boa aluna, tudo eu queria, eu tinha uma vaidade de ser boa aluna, sabe essas coisas de “ai, a professora elogiar”, eu tinha isso, só que com o piano eu causava. Uma vez ela me trancou no banheiro, a professora, porque era aula de solfêjo e era em grupo a aula de solfêjo, eu só ficava fazendo palhaçada, aí ninguém aprendia nada, aí eu fui trancada no banheiro. Até que um dia a professora de piano chegou pra minha mãe e falou: “Olha, ela quer muito aprender balé, então ou você coloca ela no balé e deixa ela no piano pra gente ver como vai ser ou você tira ela do piano, porque eu vou expulsar ela do curso”.

P/1 – Isso você tinha... Era muito pequena.

R – Foi na primeira casa, na casa... Porque, assim, eu não nasci nessa casa, eu nasci numa outra casa, mas eu não lembro direito dessa primeiríssima infância, eu tenho uns relances, sabe? Quando eu fui pra essa casa que eu lembro mais, que é a casa alugada, eu já tinha sete anos, antes eu morei nessa outra casa, também com mudanças, mas que eu lembro mais, eu devia ter uns sete, oito anos no piano. Aí minha mãe foi me colocar de novo no balé, mas ela não queria porque, na cabeça dela, ela ia ter que ficar esperando, como de fato aconteceu, até eu me formar no balé, porque você levava lá e o balé tem uma coisa muito louca mesmo, porque você começa fazendo uma hora de aula, né, duas vezes por semana. Só que você começa a gostar, você começa a querer fazer o jazz também, aí você começa a participar do corpo de baile, aí quando a sua mãe percebe, ela está fazendo um tapete, você entra na sala, ela faz um tapete, sabe tapete de barbante? Minha mãe fez tapete de barbante pra todo mundo por causa do balé, porque era meio longe da minha casa, era na mesma cidade, mas... Então não valia muito a pena ela ir e

depois voltar, enfim, então ela tinha um pouco de preguiça, na verdade, do balé, mas eu sempre fiz balé e sempre adorei. Era uma coisa que pra mim sempre foi muito forte, então, quando eu era pequena, eu sempre tinha essa, eu nunca quis ser bailarina, eu queria ser professora de balé, quis ser professora de balé, mas eu quis ser tudo também, né? Mas, enfim, com o balé eu relacionava muito a dar aula de balé, então com 12 anos eu dava aula de balé (risos) e tinha apresentações no final do ano.

P/1 – Com os seus alunos?

R – Com os meus alunos. Tinha um... Como chama? Sabe essas associações de bairro, que eles jogam, cancha de bocha, assim? Tinha um lugar que tinha uma cancha de bocha e tinha uma sala, mais ou menos do tamanho dessa, que era tipo pra eles se reunirem, aí eu ia lá, eles me emprestavam no final do ano pra fazer a apresentação, tinha toda uma...

P/1 – Os alunos pagavam a aula?

R – Pagavam, era super pouquinho, mas pagavam, era, tipo, sei lá, hoje pagar 20 reais cada um por mês, era uma coisa, era, né, e eu gastava lá mesmo, nos papéis, nas coisas, era tudo...

P/1 – Eles gostavam?

R – Gostavam, gostavam muito, os meninos não gostavam muito, mas eles todo ano iam, eu obrigava, eles iam, meu irmão fazia, eles gostavam porque era uma bagunça, não era, sabe, se eles quisessem bagunçar naquele dia, eu ficava muito brava, mas eu não tinha a menor autoridade (risos), então eles levavam meio numa brincadeira. Mas também, se eles não participassem da aula, no Dia das Mães eu fazia o teatrinho das mães, que era muito divertido, fazia tipo um Jornal Nacional, mas só com notícias meio paródia e os comerciais, então era uma papagaiada e eles adoravam fazer isso. Então, pra participar disso, eles tinham que fazer aula comigo (risos), eu era meio autoritária e tinha todas as crianças menores, né, porque o Rodrigo também, o meu irmão, é menor do que eu e maioria era tudo menor do que eu, então eles eram muito meus seguidores. Isso eu acho que eu lembro bem, eu sempre tive muito uma criançada atrás de mim, tudo pequenos, eu não lembro de ter um grupo de amigos da escola, por exemplo, eu era, me dava bem com todo mundo, mas, por exemplo, eu nunca tive uma melhor amiga na infância, quando eu... Sabe, me dava bem com todo mundo, mas se ia viajar, ia viajar no carnaval, e tinha que levar a sua melhor amiga, eu sempre ficava em casa, porque eu não era melhor amiga de ninguém da minha idade. E os pequeninhos eram todos pequeninhos até a minha idade, também tinha, mas da rua, né, tudo meio avulso, e aí eles eram mais seguidores, eu era bem líder desde pequena, mas muito... Eu acho que eu sempre fui meio mandona, sabe? Então eu criava as coisas, era meio do meu jeito, eu até ouvia, mas eu fingia que ouvia: “Ah, tá, tá, tá” e dava uma bancada ali, né, e na escola não, na escola, eu lembro que era um exercício muito grande, porque na escola eu tinha o tempo todo que negociar.

P/1 – Como foi a sua entrada na escola? Você entrou no primeiro ano, antes?

R – Na EMEI já, eu entrei com quatro anos na EMEI e eu sempre fui apaixonada pela escola, eu lembro de, eu acho que a minha primeira referência da escola foi antes de eu ir pra Vila Marlene, que era, a Vila Marlene é esse bairro de São Bernardo que eu fiquei o maior tempo da minha infância, mas a minha primeira referência, eu acho que eu devia ter uns quatro anos, eu tinha feito... O meu irmão era muito... Quando é pequeninho, uma diferença de três anos e dez meses é muito, eu lembro que tudo, onde eu estava, ele estava atrás de mim, me dava uma agonia, sabe, assim? Aí eu lembro que um dia eu peguei uma Coca-Cola, tinha só um pouquinho de Coca-Cola na garrafa e eu coloquei no copo e ele viu bem na hora que eu ia tomar, aí ele: “Eu quero”, aí eu peguei, tomei tudo, falei: “Pera aí, eu já pego”, coloquei duas colheres de café com água, assim, e dei pra ele. Aí ele cuspiu tudo e óbvio que a minha mãe na hora descobriu, na hora eu fiquei de castigo e o meu castigo foi não ir na escola e eu lembro do sofrimento aquela tarde, a tarde não passava, era uma tarde, assim, porque eu não fui pra escola, era muito triste, assim, sabe? Então eu sempre gostei muito de ir pra escola.

P/1 – Do que você gostava na escola?

R – Na EMEI, eu lembro, é engraçado, eu não lembro muito de criança, mas eu lembro muito da EMEI, da minha infância, dessa época da vida na EMEI, eu achava muito boa a EMEI. Eu lembro que na minha EMEI tinha piscina, então eu meio que aprendi a nadar na EMEI, nas aulas lá, porque só podia no verão, né, era piscina aberta... Eu lembro muito da aula de pintura, porque a gente tinha, eu me sentia muito fina porque tinha... Como chama? Cada um tinha o seu cavalete e era uma coisa, assim, pequenininha, ainda, imagina, eu nasci em 75, não tinha ainda essa questão de ter tudo pra criança, ainda era um momento, né, tinha os brinquedos, mas não tinha essa preocupação com o universo infantil e na EMEI eu sentia que tinha, a cadeirinha era pequena, sabe? Eu me sentia uma pessoa ali na EMEI, sabe, aí tinha todas as danças, festa junina, eu fazia balé, tinha a dança do balé, eu acho que tinha esse espaço de eu desenvolver, porque eu acho que desde pequena eu tinha essa coisa meio “não para quieta” e muito ligada com produzir também, né, com fazer. Eu sempre gostei de dançar, sempre gostei de música, eu lembro de um trabalho que eu fiz na EMEI que foi uma coisa que eu lembro muito, eu fui desenhar um pássaro, com a minha... E estava lindo o meu pássaro. Sabe aquele dia que você desenha? Porque eu nunca fui muito boa de desenho, pintura, mas eu desenhei, estava lindo, eu estava, dei sorte, aquele dia rolou, e ficava uma mesa no meio com todas as tintas e cada um com o seu cavalete, então você ia lá. No que eu fui, um menino, Marcos, estava meio invejando, porque ele estava do meio lado, ele ficava assim: “Ehr, ehr”, ele foi lá e fez um negócio, um negócio tipo um xis embaixo do bico do meu pássaro. Gente, foi horroroso, eu lembro, eu chorei, eu chorei, aí a professora: “Juliana, coloca, incorpora o que ele colocou”, eu sei que aí eu fiz um pelicano, sabe, tipo, fazendo... É um desenho que eu sei que eu guardei até por muito tempo, porque foi uma coisa que... Foi quase... Quando as coisas não saem do jeito que você queria, e pra mim isso é muito difícil, quando as coisas não saíam do jeito que eu queria, e ter que... E a professora super elogiou: “Nossa, ficou lindo, porque não sei o quê”. Eu lembro que foi um... Talvez eu até fico, o desenho ficou muito mais marcante na minha cabeça por conta disso que aconteceu. Eu acho que... Eu não sei, estou tentando imaginar um porquê, assim, eu acho que tem sempre... Eu acho que eu tinha um espaço e um estímulo muito, muito natural, muito gostoso mesmo. Eu lembro de ensaiar super feliz música do Roberto Carlos, aquela do menino lá, né, Guerra dos Meninos, aquela música, tipo, super gritando, cantando, e tudo eu achava

legal, achava importante. Também tinha um lugar da escola de fazer você fazer umas coisas que já estavam meio prontas, eu lembro, tudo era muito direito, né, muito certinho, mas o que eu lembro mais são esses momentos que não era o trabalhinho, que tinha essa especificação, era muito forte, trabalhinho era um trabalhinho já meio bem dirigido, mas tinha um espaço também que era muito, né, e muita criança junta, eu acho que é isso. Aí, quando eu fui pro primeiro ano, eu fui, eu estava, nessa época eu morava no Taboão, numa casa que eu morei só seis meses, e era um... Eu lembro que, logo que eu entrei pro primeiro ano, me acharam parecida com a diretora da escola e aí me colocaram pra fazer ela numa peça, mas eu tinha acabado de entrar na escola, uma escola, já era... Imagina, eu estava saindo da EMEI, entrei numa Escola Estadual, no Taboão, super do lado da favela, uma escola, assim, o pessoal: "Uau", tinha grade a escola, em toda a escola tinha grade e era meio opressor ali, mas aí já me acharam parecida com a professora, me colocaram pra fazer o negócio, então todo mundo me conhecia, sabe? Tinha uns meninões enormes, que chegavam assim: "Ô, Julianinha, ô, não sei o quê", aí eu lembro que eu me sentia importante na escola, sabe? E aí, logo depois, eu fui pra essa escola na Vila Marlene, no meio da primeira série, eu lembro que na escola, aí foi mais normal porque na escola da Vila Marlene era uma Escola Estadual, mas era um bairro mais classe média, então uma escola que não tinha grade, era uma escola que o prédio era muito parecido com a escola do Taboão, mas era mais, ah, uma escola mais normal, sabe? Não tinha muito essa coisa de: "Ehr", porque eu lembro de chegar na escola do Taboão, tinha uma gritaria assim: "Ehr", era uma coisa, que o único lugar que deu pra eu ter uma relação legal com a escola foi porque eu fiz esse negócio logo que eu entrei, aí teve uma pecinha, tipo começo das aulas, me colocaram pra ser a diretora da peça, então todo mundo me conhecia, aí o "Ehr" não era opressor, assim, sabe, era tipo: "Ó", "Olha que forte", tinha meio isso. Aí na outra escola era meio normal, mas eu sempre, eu lembro muito quando eu fui alfabetizada, um desespero profundo pra aprender a ler e escrever logo, eu lembro que eu tive dificuldades com a letra êfe, de fazer na letra cursiva, né? Eu usei aquele Caminho Suave, eu lembro até, que é muito antigo, você pensar que você estudou com o Caminho Suave, lembro bem disso e lembro... E lembro dessa relação. Uma coisa que pra mim era muito forte, que a minha mãe sempre foi muito atrasada em tudo, ela me esqueceu no EMEI uma vez, ela achou que a vizinha ia me buscar e a vizinha achou que ela ia buscar, elas esqueceram a gente no balé da EMEI. Aí não tinha pra onde ir, porque o balé da EMEI era depois da EMEI, eu fui dormir na casa da professora, não tinha celular, ninguém sabia, a professora levou eu e a menina, a filha da vizinha, pra ir dormir na casa dela, aí tipo dez horas da noite apareceu a minha mãe e a mãe dela, desesperadas, porque foram na casa da diretora pra descobrir. Então eu lembro dessa relação e eu lembro que na Escola Estadual, no XX de Agosto, que é essa que eu estudei até a oitava série, ela era muito ruim, porque, se você chegasse atrasada, tinha que entrar pela diretoria, a mãe tinha que falar e a professora não queria saber, porque você entrava, você subia sozinha pra sua aula, a professora dava um sabão porque você chegou atrasada. Então pra mim, eu tinha essa preocupação com a minha mãe, sabe, de estar na hora, de... Porque eu queria, eu tinha essa coisa de ser elogiada na escola, eu lembro bem disso, lembro, deixa eu ver o que mais. Na terceira série, eu lembro de uma coisa bem legal, que era na época daquela música: Calma, Bete, calma, um menino ficava falando isso pra mim, eu dava na cara dele, ele ficava, aí foi a primeira vez que eu fui pra diretoria, foi super triste. Eu estava fazendo... Eu tinha feito uma composição, uma composição que era pra prova, então nós descemos pro recreio, na volta era pra desenhar a composição, então ficou... Sabe aquelas folhinhas que eram pequenininhas, assim, com dois buraquinhos? Era uma folhinha daquelas, aí eu descí, aí: Calma, Bete, calma, comecei a bater, aí a Dona Meire, que era a diretora, falou: "Uma menininha e um menininho" e levou pra diretoria. Gente, ir pra diretoria pra mim era o fim do mundo, nossa! Aí, quando eu estava indo, ela deixou a gente esperando um pouco, que ela entrou, passou a Dona Lenir, que era a minha professora de terceira série, falou: "Juliana, o que aconteceu?", (choro) "Imagina! Você não!" e deixou o Ricardo lá, que era o menino: "Não, você deve ter aprontado" e subi. Só que eu subi super frágil, porque eu estava, eu estava quase na diretoria quando ela me pegou, eu lembro que eu comecei a desenhar, eu chorava no papel, então o papel ficou todo manchado, sabe? E aí foi pra delegacia de ensino a minha composição, aí foi escolhida, foi pro jornalzinho da delegacia. Sabe essas coisas? Porque eu acho que ela ficou com tanta... (risos) Porque, imagina, a pessoa chorando, eu sempre fui dramática e pra mim era sério essa coisa, sabe? Isso foi doido, porque eu acho que... Quando... Na quarta série, eu comecei a ficar mais malaca, sabe? Eu lembro que uma vez todo mundo matou aula, eu matei junto a aula e foi importante, porque eu acho que a escola me dava muito esse lugar, um limite, que eu não tinha, que essas crianças, tudo, que me seguia e fazia tudo o que eu mandava, mas a escola tinha, dava esse lugar que eu tinha que negociar. E eu era sempre aquela que era muito... Por conta que eu ia muito bem na escola, de prova, os meus amigos mais próximos, que faziam trabalho comigo, eram os meninos muito CDFs, só que eles eram extremamente chatos também, e o pessoal do fundo me via um pouco como CDF. Então, na quarta série, eu comecei a passar cola, eu comecei a tentar, a ser um pouco mais malaca, a me socializar ali, sabe? Tinha uma professora que a gente gostava muito, que ele era a Dona Sônia, ela teve uma... Um problema de saúde, ela teve que ter um afastamento, que foi uma substituta que ficou, aí eu lembro que um dia nós fomos todos juntos, a pé, quarta série, eu tinha dez anos, mas tinha que atravessar avenida, tudo, nós fizemos um mutirãozinho de umas dez crianças, fomos levar flores pra ela na casa dela, visitar, sabe? Uma coisa, já era uma coisa de turma, já ia sozinha pra escola, porque era na rua da minha casa, quase, mas eram uns quatro ou cinco quarteirões, tinha que atravessar rua, mas quem morava mais embaixo ia andando, aí as pessoas, ia juntando, ia a turminha toda junta.

P/1 – E o teatro nessa fase de escola?

R – O teatro, na quinta série, quando eu cheguei na quinta série, que era o Ginásio, ainda era Ginásio, na quinta série, eu cheguei pra... Eu já gostava, eu já fazia mais ou menos em casa, na rua. Aí, na quinta série, eu não lembro por que, algum professor falou assim: "Aí, se alguém quer fazer uma peça do Dia das Crianças", aí eu formei um grupo de teatro, aí tinham duas crianças da sexta série que queriam participar, isso era muito chique, porque eu que era a diretora da peça, eu estava na quinta série. E aí me deram, a antiga cantina da escola era meio, assim, escondidona, e virou um depósito de coisa de Educação Física, porque tinha a cantina nova da escola, e aí me deram essa sala com a chave, pra eu, tipo a sede, então era muito, eu era já meio importante. Me chamaram pra participar daquele Centro Cívico. Centro Cívico? Pra ser da chapa, aí eu comecei, por conta que eu comecei a ensaiar e aí ficou meio fixo, aí eu tinha um grupo de teatro na escola, que era meu o grupo e também... E eu era bem doida também, porque eu lembro que essa sala, tinha os meninos da oitava série, por exemplo, eu era do Centro Cívico, da chapa, o presidente do Centro Cívico, da minha chapa, ele era da oitava série e eu era tipo oradora, ele era presidente e na oitava série, já ficava com as meninas, aquelas coisas, os meninos, já tinha uma coisa ali. Eu alugava a sala pro teatro em troca de uma caixa de Amandita, deixava eles ficarem no recreio lá se pegando, (risos) então eu não usava o meu poder totalmente com crivo, eu já era meio: "Oi, o que você está fazendo?", mas isso eu só fui ter noção depois, porque eles deixavam eu fazer o que eu quisesse. Eu tinha uma sala, eu podia ensaiar fora da hora de aula, porque Escola Estadual, você entra na hora, não tem essa, mas eu podia ir de manhã, por exemplo, com a minha turma de teatro, entrava pela diretoria, eu tinha a chave. Eu tinha uma... Eu comecei a ter uma... Sabe, ter um...

P/1 – Um trânsito.

R – É, circular na escola, assim, de um jeito...

P/1 – Uma autonomia.

R – Que poderia ser bem perigoso, no final ficou em caixa de Bis, ninguém engravidou na salinha, deu tudo certo. Mas, tipo, eu tinha essa questão e o que era legal da Escola Estadual, que por mais que fosse um bairro meio classe média, tinha uma mistura social muito grande, porque tinha esse bairro meio chique lá perto, que era o Parque Anchieta, então tinha muito filho de empregada que estudava lá. Meu pai era dono de uma pizzaria, todo mundo achava que eu era milionária, porque era uma pizzaria quase na frente da minha escola, enorme, e a gente não tinha nem telefone em casa, era uma época, eu acho, de entrar plano de expansão, eu lembro, né? Eu lembro como eu sonhei pra ter um videocassete, aí minha mãe entrou naquele... Como que chamava? Que você pagava um pouquinho por mês, era...

P/1 – Baú.

R – Não, era...

P/1 – Credário.

P/2 – Consórcio.

R – Consórcio, consórcio de videocassete. Aí era diferente, você tinha que ficar, né, minha mãe fazia, eu lembro que vários anos, tinha um vendedor da Estrela que era cliente da pizzaria, ela pagava por mês pra gente poder ter o presente de natal, sabe, por conta da pizzaria, que tinha mês que ira super bem, mês de calor, mas no inverno era muito ruim e tinha os funcionários, tudo, então sempre foi uma vida meio... Então as pessoas achavam que eu era muito milionária e meu pai, eu lembro que ele tinha um Escort azul, que tinha, que não fechava o porta-malas, então tinha um buraco, sabe, aberto, com uma fita, que era da época que ele tinha a empresa de... A confecção era... Sabe rolo de etiqueta? Que é super forte, vira uma corda super, era amarrado com isso, então ninguém acreditava: “Nossa, Juliana, mas você é dona da Onassis e...”, não sei o que, era muito engraçado. E, ao mesmo tempo, tinha crianças que o pai, sabe, eu lembro no segundo ano, quando descobriram que o pai de uma menina era lixeiro, que foi horrível, assim, foi bullying mesmo, eu lembro que a gente seguiu, porque a menina tinha que escrever uma redação sobre a profissão do pai e ela falou que o pai era advogado, alguém sabia que ela era filha de uma funcionária do Parque Anchieta, falou: “O pai dela é lixeiro, porque eu sei, porque a minha mãe conhece a mulher”, aquelas coisas. Nós seguimos a menina, aí esperamos a menina sair, fomos seguindo a menina até ver a menina com a mãe entrando no ônibus, no dia seguinte, a gente falou no meio da classe assim: “Seu pai é lixeiro”, a menina começou a chorar, eu lembro disso, de eu perceber que eu não estava fazendo uma coisa legal, mas não entender direito porquê. Eu lembro da minha escola, o tempo todo, o tempo todo, isso até a oitava série, que os professores falavam isso: “Até pra ser lixeiro você tem que ter até a oitava série”, então era muito o ó, sabe, depois de um tempo, aí eu começo a entender porque que descobrir que o pai da menina era lixeiro era tão ruim, porque o tempo todo você ficava ouvindo isso, que até para ser lixeiro você tem que fazer até a oitava. Era tão degradante, né, o jeito que colocam o lixeiro, que era bem, bem absurdo, assim, tipo, até hoje eu lembro dessa história, que eu acho que é um dos bullings que eu presenciei e que eu participei do lado do opressor, ali, que acredito que isso ainda se perpetua em algum lugar muito forte, assim, né, enfim.

P/1 – Me fala o que mudou depois da sua juventude, você falou... Ou se mudou, né, de fato, alguma coisa. Você está contando da sua primeira infância, da sua vida na escola, de você menor e os meninos da oitava série. E quando você chegou nessa oitava série e depois, o que mudou aí ou não mudou?

R – Eu acho que teve uma coisa importante na quinta série, eu tive aula com a Professora Valquíria, da quinta à oitava, de Geografia, ela era uma professora, de Geografia e ela, tipo, ela gostava muito de dar aula, tinha o “trio parada dura” na escola, que era Rita, Ruth e Valquíria, que era Português, Matemática e Geografia. Elas eram o “trio parada dura”, porque eram as provas mais difíceis, as professoras mais exigentes e as que furavam greve, porque eu sou de São Bernardo, então você imagina como que era todo esse movimento sindicalista lá, é um começo meio, eu participei, peguei muito a primeira candidatura do Lula, né? Então tinha uma coisa também muito forte de ser de São Bernardo e tinha um lugar muito forte da classe média de negar São Bernardo nesse lugar, a Rita, a Ruth e a Valquíria, elas furavam todas as greves, então todas as greves que teve na Escola Estadual não tinha nessas três áreas, os pais iam lá, seguravam a bronca e elas davam aula. Então eu lembro de isso ser uma coisa muito positiva com os meus pais, delas não entrarem na greve, e eu nunca, nessa época, eu nunca questionei. Porém, a Valquíria, ela era extremamente contra esquerda e ela dava aula de Geografia, mas ela dava uma aula muito legal, ela dava coisa que precisava dar, do livro, dava, sei lá, planalto, planície, tudo aquilo, mas ela dava uma questão muito mais da geografia humana. Ela já tinha morado na União Soviética, então ela tinha tido contato com uma coisa comunista, então ela tinha uma coisa ali do comunismo, ranço, e que ela colocava muito em debate, eu, tudo o que ela falava eu achava muito legal (risos), pro outro lado. Eu lembro que ela despertava um lado, eu falava: “Mas não é legal? Tudo bem, você não tinha cinco tipos de bolacha, mas todo mundo tinha bolacha em casa”, sabe, tipo, ela era, aí era muito... Então ela começou e, ao mesmo tempo, ela gostava, a gente se dava muito... A gente discutia muito, mas a gente, ela gostava muito de mim e eu gostava muito dela, então...

P/1 – Isso na quinta série?

R – Isso na quinta, mas aí, na sexta, na sétima, foi muito importante, porque aí que eu comecei, foi por essa aula dela, eu comecei a me diferenciar um pouco das pessoas, eu comecei a perceber, porque eu ficava com aquilo na cabeça e eu ficava, sabe, questionando pra mim aquilo, aí eu levava isso pra casa. Meu pai e minha mãe, eles nunca tiveram muito esse lugar, eles nunca foram muito de participar, de ler jornal ou de... Pra eles, essa questão da ditadura, porque o meu pai e minha mãe trabalharam, começaram a trabalhar muito cedo, a primeira geladeira da casa da

minha avó foi minha mãe que comprou, aos 13 anos. Então, pra eles, a luta contra a ditadura eram uns baderneiros, que aí paravam o ônibus, eles não podiam ir trabalhar e eram descontentados, então eles não eram muito políticos nesse lugar, entendeu? Então eu levava pra casa, eles não discutiam muito, mas eu tinha uma vizinha ótima, que ficava lá falando comigo, eu levava pra professora e essa professora, ela não estimulava, ela ia muito contra o que eu estava falando, mas era uma coisa de... Aí, como eu gostava muito dela, eu achava ela uma super professora, e ela era general, até a postura que você ficava na sala, você tinha que pedir pra ir ao toalete. Hoje em dia, eu ia brigar mais ainda com ela, porque hoje eu acho que ela era bem machista, porque os meninos podiam ficar de perna aberta, por causa da questão física, as meninas não. Aí então, mas ela tinha, só que todo mundo amava, porque as aulas dela, acabava, dava o sinal, todo mundo já, sabe, quando... E ela vinha, eu ia, eu levava uma questão já pra discutir com ela, ela colocava e ela também me estimulava, por exemplo, quando tinha qualquer passeio, Escola Estadual é muito, só pode levar uma turma, só pode levar não sei o que, ah, pode levar 40 alunos, aí uma turma tem 32, aí você sorteia oito, sabe, pra... E ela sempre me colocava em todos os lugares, sabe, pra ir. Então eu comecei a perceber que eu tinha um lugar meio de pensar aquilo e que não era, assim, senso comum, sabe? Então eu comecei a tentar conversar mais com o fundão, a tentar, foi uma coisa meio... Só que ainda num lugar deslocado nesse grupo, porque eu não tinha uma dupla, eu contava meio... Eu acho que acabou sendo bom, porque eu acho que eu desenvolvi uma, digamos, uma autoconfiança, sozinha, eu não tinha nenhum grupinho que me... Várias vezes me falavam, que eu me envolvia em tudo o que era discussão, né: “Ah, vou te pegar na saída”, porque em Escola Estadual eles pegam mesmo, saiu do portão, ninguém tem nada a ver com isso, e eu tinha super que ganhar só no argumento porque os amigos mais próximos eram os CDFs que iam embora pela diretoria pra nem chegar perto, porque vai que sobrasse pra eles, sabe? Então era uma coisa que eu comecei a entender, que eu tinha o poder de argumentar, que eu conseguia conversar lá e que eu conseguia me livrar de alguns pela conversa, porque, até então, eu era uma criança, eu sempre fui uma criança chorona de pequena, de chorar, cheguei atrasada, já chegar chorando na classe, não sei o quê. É engraçado que o meu filho é igualzinho (risos), meu filho também, ele dá umas choradas quando começa a ficar nervoso. E eu era, sabe, de sempre, eu evitava falar, porque eu tinha muita vergonha de minha mãe resolver um problema pra mim, dela ir, eu tinha essa vergonha, ainda mais que era uma Escola Estadual, sua mãe vai lá, não pega bem. Porém, eu tinha uma, eu tinha essa coisa de ponderar na minha casa, porque eu sabia que eu não podia falar tudo lá, porque senão minha mãe ia lá, ia falar, no balé, sabe, eu tinha uma coisa de ponderar, porque no balé o tempo todo minha mãe queria que eu sáísse, durante tudo isso. Então qualquer coisa que acontecia, por exemplo, uma vez, foi ridículo isso, mas uma vez eu estava com mais de 40 quilos e a professora de balé, eu sempre tive professoras bem generalas e também uma outra professora referência minha era a professora de balé, que ela era meu modelo de vida, sabe, uma professora que eu amava. Ela, por conta que tinha muitas meninas mais gordinhas, ela falou: “Olha, quem tiver mais de 40 quilos não vai dançar pas de deux, eu era a Iara da Lenda de Iara aquele ano, eu ia dançar pas de deux. Quando eu fui pesar, eu tava com 41 quilos, gente, só que eu era magra, tipo, imagina! Se eu falasse isso pra minha mãe, eu comecei a fazer regime sem a minha mãe saber, porque, imagina, aí chegava na hora do almoço, eu falava: “Ah, eu quero queijo branco, maçã, não sei, não está nada me caindo bem?”. No terceiro dia, eu falando que eu queria só queijo branco e maçã, a minha mãe chegou e falou: “Eu vou falar com a Elisa”, Elisa é a professora de balé, eu quase morri, aí: “Não, não, então eu como um pouquinho de arroz”, aí minha mãe foi e falou com a Elisa. Aí a Elisa me chamou: “Juliana, nunca, o que eu falo nunca é pra você, é que eu exagero, porque as meninas estão com 50, então eu falo 40”, mas era tudo no discurso que, pra mim, não me oprimia, porém, hoje, analisando, eu vejo que absurdo essa professora, isso tudo criança de 12, 11 anos, ela falando isso, ainda mais, mais sério ainda, se ela sabia que a menina tinha 50, a menina não ia chegar a 40, pior ainda, né? Eu tive pessoas que, pra mim, não me oprimia, eu não sei, assim, eu tinha um lugar de dar uma... Como se diz?

P/1 – Processar.

R – É, de processar, foi a única vez na vida também que eu fiz regime, depois eu entendi que não. Mas eu tinha essa questão, essa, essa coisa de... Eu nunca tive essa dupla, então nem com o meu irmão, nunca tive essa dupla, então eu brincava muito sozinha, muitas vezes, eu sempre... Uma vez, eu devia ter uns 11 anos, eu falei pra minha mãe: “Ai, não sei pra que existe vida real, porque a gente pode imaginar tudo, é bem mais legal”, eu tinha um mundo paralelo. Eu lembro que eu gostava do Jairzinho, da Simony, sabe o Jairzinho, filho do Jair Rodrigues? (risos) Eu era apaixonada por ele e na minha cabeça ele era tipo meu namorado, eu tinha dez, 11 anos, conversava com ele, todo mundo saía, eu não via a hora, sabe, de almoçar e: “Oi, você chegou”, eu tive 500 amigos imaginários, não foi um, foram vários e pra mim era muito de verdade. Então eu tinha o meu momento de brincar na rua com todo mundo, de ter a legião dos pequeninhos, mas eu tinha um momento de curtir esse lugar de estar sozinha, porque tudo podia se eu estava sozinha, qualquer coisa podia ser de verdade. Eu abria as portas do guarda-roupa, eu fingia, eu sempre quis morar sozinha (risos), aí eu abria, tirava os cobertores, eu fingia que eu morava ali, então eu entrava, aí se eu sentava assim eu estava na sala, era uma coisa, sabe, eu tinha esse mundo paralelo. Eu acho, hoje em dia, que também isso me ajudou a ter, a me bancar, meio, a entender se eu estou aqui ou se eu estou ali, sabe, a fazer o filtro da escola pra minha mãe, fazer o filtro da turma da frente pra turma do fundão, a saber que, num momento de perigo, passar cola pro amiguinho, ele vai me salvar na hora que quiserem me bater mesmo, eu tive várias momentos que eu fui salva pelos repetentes.

P/1 – Mas o que você fazia que o povo queria te pegar lá fora?

R – Eu era muito, assim, eu acho que eu era uma figura que meio que incomodava no lugar, assim, eu não tinha essa, eu fazia trabalho com os meninos da frente, vai, sempre, só que eles brigavam por nota, eles brigavam, eu não tinha, não era, sabe, eu fazia o trabalho com eles porque eu era uma boa aluna. Tipo, eu dava, geralmente, eu sempre dava uma ideia boa: “Ai, tive uma ideia”, “Ah, legal”, aí eles gostavam, mas o desenvolvimento, o processo com eles eu não curti, porque eu achava eles muito chatos, porém eram os meus amigos, aquela coisa, né, o pessoal do fundo tinha uma coisa mais legal, mais dinâmica, porém também era pra um lugar também que... Então eu acho que eu não me enquadrava muito nem em um lugar nem no outro, então, quando acontecia alguma coisa, eu lembro que tinha uma menina, a vez que foi mais séria foi essa, era a sétima série, meninas levavam doce, meninos salgado, uma festinha, os meninos, os piores, os bambambãs da classe, que sentavam lá no fundão, levaram um isopor com cerveja, gente, na hora. Só que na minha vida cerveja era uma coisa muito comum, que o meu pai e minha mãe sempre beberam, todo dia eu estava na pizzeria, tipo, eu fiquei de boa, aí teve uma menina, que quase fui tomar cerveja, porque o meu pai, gente, com 11 anos, eu estava com gripe, ele me dava conhaque com limão, nunca teve essa coisa: “Ai, cerveja”. Aí eu sentei lá com eles, eu achei normal ali, ficar ali, aí o que aconteceu? Um deles jogou uma lata pela janela, na frente da sala da diretora, a sala da diretora era embaixo, ela pegou, ela subiu, a gente conseguiu esconder tudo e eu ajudei até a esconder, só que ela falou assim: “Quem não falar, eu sei que foi

daqui, veio da janela, eu vi caindo, quem não falar, se vocês não falarem, vai ser suspensão coletiva”. Nesse momento da vida, eu achava até legal levar suspensão coletiva, porque eu estava quase fazendo aquele jogo já do contrário, de querer ser bad, né, aí eu fiquei na minha, aí uma menina pegou e falou, só que ela já estava pendurada, uma menina, que ela era má aluna, mas ela era daquelas meninas meio chatinhas, que também não se, sabe, não colava muito, ela falou assim: “A Juliana mandou eu falar que foi o Roberto e o Fulano que trouxeram, o Roberto e o Odair”, olha isso! Aí eu olhei pra cara dela, falei: “O quê? Então se eu mandar você se jogar da janela, você se joga?”, só que eu falei isso pra mostrar que eu não tinha falado, as pessoas acharam que eu falei isso mostrando que eu mandei mesmo ela falar. Aí ninguém levou suspensão coletiva, só os dois levaram suspensão, e eles falaram: “Te pego lá fora”, aí os meus amigos foram embora tudo pela diretoria, morrendo de medo, e, gente, formou, não é que formou, foi uma turma, essa menina botou uma pilha em outras classes, formou uma turma. Aí eu olhei assim, por cima do muro, sabe, tinha a arquibancada da quadra, lotado de gente, eu falei: “Gente, eu vou lá. Eu vou fazer o quê?”, morrendo de medo, mas não tinha, nisso, um dos meninos, meu amiguinho que saiu lá pela frente, foi correndo na casa do Marcão, que era um repetente, que estava tipo com caxumba, foi correndo lá avisar, só que eu não sabia. Eu saí, aí eles me colocaram, só que, gente, eu era um espirro, mais do que eu sou hoje, me colocaram no meio da roda, os meninos já assim, ó, não sei o quê, aí eu olhei, eu falei: “Mas, gente, vocês acreditam, primeiro, se eu quisesse falar, eu falava, né, não tem”, “Não”, não sei o quê, não sei o quê. Eu sei que, quando começaram a me segurar, ia ser uma coisa bizarra, um ia me segurar, eu acho que eles não iam ter coragem de me bater, assim, talvez eles me dessem uns empurrões, eu não sei, veio o Marcos, todo torto: “Se relar na Chispita, morre”, tipo, porque eu vivia de trança e tinha uma novela Chispita. Aí: “Se relar nela”, aí todo mundo abriu, olhou assim, e ele era o repetente, gente, ele tinha tipo 18 anos na sétima série e esse ano ele ia passar, porque eu estava passando (risos), aí virou assim, tanto que depois qualquer coisa ficavam: “Se relar na Chispita, morre”, virou um bordão na escola. Mas tinha esse tipo de coisa, de um falar, disse que me disse, geralmente eu me dava, eu ia pra fora e muitas vezes a vida nem era comigo, eu chegava: “Gente, não estou acreditando, não, vocês não vão se bater. Gente, o que adianta? Pra quê?”, eu era sempre essa, eu acho que isso também dava um pouco de raiva, sabe, nas pessoas. Tipo, o meu irmão sempre ficava: “Aí, para”, porque eu acho que essa coisa de argumentar não é legal pra todo mundo, então se a pessoa, se alguém tem dificuldade de falar, de argumentar, a outra pessoa argumentando muito, eu acredito, deve ser uma violência, sabe, assim, sei lá, essa menina, eu acho que era isso.

P/1 – Intimida, né?

R – É. Aí a única grande greve que teve foi na oitava série, uma greve que parou quatro meses a escola e, como eu estava na oitava série, minha mãe me colocou numa escola particular pra eu terminar, aí eu fiz a oitava série particular e no final do ano, todo mundo, era legal prestar Vestibulinho da ETE, sabe, Escola Técnica, hoje é ETEC. Eu fui prestar só pra ter esse Vestibulinho, olha que louca, eu sempre gostei de prova, tipo, (risos) aí eu falei: “Ah, vou prestar”, gente, na minha classe tinha 40 alunos, chamava Integrado a escola, duas pessoas só passaram. E, na hora de entrar, eu vi um negócio: “Desenho de Projeto Mecânico”, eu falei: “Desenho, eu vou gostar”, porque eu sempre, eu nunca tive muito dom artístico no sentido, mas eu sempre fui muito boa de simetria, de ampliar, de técnicas, assim, e gostava muito da aula de artes, eu falei: “Ah, vou fazer”, só que Desenho de Projeto Mecânico não é nada de artes. Enfim, eu passei, aí eu comecei no primeiro, no começo do colegial, eu comecei a fazer o colegial normal de manhã nesse Integrado ainda e ETE à noite, gente, era muito mais legal a ETE, né, todo mundo trabalhava o dia inteiro, tinha duas meninas só, 38 meninos na sala, era a vida adulta, assim, sabe, antes da hora, aí eu larguei o colégio normal, fiquei só com a ETE, só que, gente, Desenho de Projeto Mecânico. Aí o que aconteceu? Aí na ETE eu descobri que tinha um curso de Teatro da ETE, só que na ETE de Santo André, fui fazer dois dias lá, falando que eu era da outra ETE, não poderia, mas como eu era... Levei o professor pra minha ETE, conversei com ele, porque ele era do Centro Paula Souza, aí ele foi e comecei, porque já tinha um grupo meio... Era um teatro meio informal, eles me chamaram, na verdade eles colocaram um chamamento ali, eu falei: “Ah, vou fazer?”. Sabe esse teatro meio, de meio zoar com os professores? Era uma coisinha meio, o pessoal do laboratório industrial, aí fui fazer com eles e não tinha um professor, não tinha um lugar, tinha um teatro na escola, mas a gente não podia ter acesso só nós. Aí consegui levar o Ginko, que é um professor, pra lá, e aí fundou um grupo super forte na ETE e aí cada vez mais eu não queria fazer a escola técnica, eu queria ficar só fazendo teatro, mas aí eu fiz três anos, eram quatro anos. Aí no terceiro ano da ETE, eu vi que eu não queria fazer Desenho, porque eu fui fazer estágio, aí eu fui fazer estágio numa firma pra desenhar uns painéis pro fogão Continental, aí com régua T, aquelas coisas, eu me dava muito mal na parte técnica, eu ia muito bem em todas as matérias clássicas, todas as matérias técnicas, eu tinha que fazer aula de torno mecânico. Eu saía do balé, que eu ainda fazia balé, eu estava me formando no balé essa época, eu fazia balé, eu chegava com a sapatilha de ponta, abriam minha mala, sabe aquele óleo que fede das oficinas mecânicas? Porque é um óleo de máquina mesmo, gente, a minha sapatilha, porque eles começavam a jogar a sapatilha, porque imagina uma menina de sapatilha de ponta chegar na oficina de touro, de torno. Touro mecânico é ótima! De torno, fresa, sabe umas coisas assim? Então eu era meio uma piada pronta na Escola Técnica, porém, também, tipo, primeiro ano, eu já fui pra Oktober, eu não bebia, mas eu fui pra Oktoberfest com os meninos, eu já era também, tinha essa coisa toda meio de estimular grupos, estimular coisa em grupo. No teatro, foi uma época muito de descoberta mesmo, né, do teatro, porque eu percebi, foi esse professor, porque eu fazia de um jeito normal, quando eu fazia na escola, eu não tinha nenhuma pretensão, eu fazia teatro, nessa época, por exemplo, quando eu fui pro colegial, eu queria ser jornalista, nessa época, quando eu crescesse. Aí eu falei: “Ah”, agora, na ETE, o professor falava que eu era boa, falava: “Nossa, você tem uma coisa, você tem não sei o que lá”, aí começou a me dar uma, entender um lugarzinho ali, entender que eu podia estudar.

P/1 – Específico pro teatro?

R – É, o professor de Teatro, ele falava: “Juliana”, me dava os papéis bons e eu comecei a perceber que podia estudar mais, de repente, sabe, o teatro, porque, enfim. Aí o que aconteceu? Eu peguei e não queria fazer o quarto ano da ETE, porque eu já tinha feito esse estágio de dois meses, eu lembro, no estágio de dois meses, que eu fingia que eu ia no banheiro e dormia, porque, gente, não tinha o que fazer, eu só estava lá pra olhar o cara, eu não punha a mão em nada e eu odiava também, se eu tivesse que colocar a mão, era uma firma de um amigo do meu pai. Aí eu vi que eu nunca ia fazer aquilo na vida mesmo e, nessa época, uma coisa também, porque, quando eu entrei na ETE e saí do colegial, eu tinha 16 anos certinho, minha mãe voltou a trabalhar na escola, numa escola, ele voltou a trabalhar numa escola particular lá em São Bernardo, uma das escolas mais caras lá de São Bernardo. Quando eu larguei, logo que eu larguei a... Como se diz? O colegial acadêmico, foi uma época, foi uma época, não, eu tinha 15 anos, foi isso, eu fiz um ano ETE e colegial, parei, aí no segundo ano, quando eu fiz 16, minha mãe voltou a trabalhar e minha mãe tinha que fazer a decoração da sala, sabe, ela ia dar aula pras crianças que ficavam no integral e eu fui com ela durante todo janeiro, montando

sala, aí me chamaram pra ser assistente de sala, não dela, de outra professora do integral, dos pequenininhos, nessa escola. Aí eu entrei e, gente, incrível, absurdo, adorava e dava tempo de fazer tudo, aí eu comecei a trabalhar com eles, gente, era, eu percebi que eu tinha muito jeito, eu sempre tive muito jeito com criança da família, sempre fui a que contava história, que ia levar pra fazer aventura, a que se perdia no clube com as crianças no meio da lama, sempre fui essa pessoa. Porém, na Jean Piaget, é Jean Piaget o nome da escola, as crianças me amavam num grau e eu também, então eu dava, eram crianças que ficavam o dia inteiro na escola e a gente ficava até o primeiro ano, então eram crianças do maternal ao primeiro ano, ficava nessa turma. Eu percebi muito cedo uma necessidade até de entender melhor, porque o que acontecia? Tinham três irmãos, o menino estava, o Fernando estava na primeira série, o Felipe estava, tipo, tinha cinco anos, mais ou menos, e o Fabinho tinha menos de dois, mas tinham aceitado, porque no ano anterior, um pouquinho antes, o pai dele tinha falecido e a mãe, né? Mas, assim, logo de cara, já no Dia dos Pais, o Felipe começou a chorar que nem um doido, se agarrou em mim e falava assim: “Eu matei o meu pai, eu matei o meu pai”, um menino de cinco anos, aí eu fui entender, o pai deles morreu, porque o pai deles estava lavando o carro e o Felipe estava dentro do carro, o Felipe tinha quase cinco anos, quatro pra cinco, ele soltou o freio numa descida, o pai dele brecou o carro com o próprio corpo, foi e realmente ele morreu. E aí eu já senti, tinha muito, como era uma escola muito cara, tinham muitas crianças numa situação muito estranha por outro lugar, a maioria, o pai tinha morrido num assalto, a criança viu, o pai falou e se matou. Sabe umas coisas assim? Então eu tinha muito contato com a psicóloga da escola, porque eu tinha 16 anos só e não tinha nenhuma formação pra nada daquilo. Eu comecei a me interessar muito, a conversar com ela de dia, ela também foi passando alguma, sabe, algumas: “Olha, quando” e eu percebia que as crianças não tinham a mesma tranquilidade com ela do que tinham comigo, porque eles estavam todo dia, dividindo o cotidiano, enfim, eu fui ficando nessa escola.

P/1 – Esse foi o seu primeiro emprego?

R – Foi o meu primeiro emprego, eu misturei tudo, mas tudo bem, foi meu primeiro emprego e eu fui ficando nessa escola. Aí, quando eu cheguei no terceiro ano do colegial, eu já estava há dois anos nessa escola, trabalhando, e eu não queria fazer o quarto ano da ETE, porque... Só que no quarto ano da ETE tinham ainda algumas matérias do segundo grau. Então o que eu fiz? Era o primeiro ano no Jean Piaget que ia ter o terceiro colegial, eu parei a ETE e fiz o terceiro colegial clássico lá no Jean Piaget, como bolsista, tipo, tinha nove alunos só na classe, e parei de trabalhar com o integral nesse ano. Esse ano eu estudava, ia até mais tarde, e eu dava aula de reforço, porque eu continuei, continuei registrada, dava aula de reforço, né? E aí eu entrei no grupo de teatro do Jean Piaget, que também tinham duas amigas, que são as filhas da dona da escola, que eu já conhecia, porque elas, a gente já conversava, eu trabalhava lá, aí eu entrei, uma estava no primeiro ano, outra no segundo e eu no terceiro. E com elas, nós ficamos muito amigas e formou-se quase um grupinho, assim, mais caracterizado como grupo de amigos da minha vida que sai da escola, está junto, está na escola, mais ou menos, e aí nós fizemos, aí, desse curso de Teatro, enfim, eu estava fazendo o terceiro.

P/1 – Você que criou de novo o grupo?

R – Não, já tinha, já tinha, era uma professora que dava aula lá, os filhos estudavam na escola e em troca ela dava aula pra quem quisesse, então eu entrei nesse grupo aí que já tinha, só que aí eu entrei, entrei em todas as peças que já tinha, porque outros já tinham saído, eu fui, ocupei lá esse lugar. E aí eu saí da ETE, fiz e esse colegial foi muito importante, porque, assim, os professores, como muito deles eu tinha dado aula pros filhos deles, era, tipo, colega de trabalho, eles foram muito legais comigo, porque, tipo, eu nunca tinha visto uma tabela periódica. Então, além de dar química orgânica do terceiro colegial, ela me dava tudo e ainda, sabe, tipo, eu passava, tinha umas matérias que eu tinha que saber antes, mas eu sempre fui essa coisa de falar: “Não, vamos lá”, aí às vezes, sempre, eu nunca ficava pra ficar de recuperação, nada, eu conseguia a nota, mas aí ela falava: “Juliana, vem mesmo assim, que eu vou te dando coisas do segundo ano, eu vou te dando coisas do primeiro ano”. Eu sei que, no final do ano, só prestei USP [Universidade de São Paulo] porque eu falei: “Eu vou fazer, gente, eu vou ter que fazer cursinho, não tem, não tive, né, mas vou prestar”, eu fiquei em 17º na ECA [Escola de Comunicações e Artes], fui pra prova específica, fiquei. E aí, nesse ano que eu prestei ECA...

P/1 – Você fez EAD [Escola de Arte Dramática]?

R – Artes Cênicas, eu prestei, só que aí só tinha 15 vagas, eu não passei, mas eu fui até, e eu não esperava nem que eu fosse passar pra segunda fase, mas rolou, por conta também dessa força-tarefa, né, de: “Vamos dar o mínimo pra essa menina pelo saber o que é o vestibular”. E aí eu, ao mesmo tempo, esse curso que eu estava fazendo no Jean Piaget de Teatro, né, todo mundo foi prestar Fundação das Artes de São Caetano, Teatro, eu prestei também, porque, né, aí eu passei no curso, que é um curso profissionalizante de Teatro. Então, quando eu saí do Jean Piaget, eu fui fazer, eu fiz seis meses de cursinho, porque eu só tinha prestado ECA e não tinha conseguido, eu fiquei, e na vez que eu fiz cursinho nem fui pra segunda fase, aí eu fiz, comecei fazer Teatro na Fundação das Artes e nisso acabou esse grupo do Jean Piaget também, porque cada um foi fazer uma coisa e eu continuei dando aula no Jean Piaget.

P/1 – Quando você escolheu a ECA, a Fuvest [Fundação Universitária para o Vestibular], você já sabia o que você queria fazer?

R – Já, por conta dessa experiência na ETE e no Jean Piaget, dos grupos que eu participei de teatro.

P/1 – Então você sabia que era mesmo isso?

R – Eu sabia o que eu queria fazer, só que, na minha casa, meus pais sempre foram muito contra. Quando eu me formei no balé, no meio disso eu me formei no balé, minha mãe pediu pelo amor de Deus pra eu dar um tempo do balé, porque eu já ia de ônibus, tudo bem, mas minha mãe tinha uma preocupação que eu gostasse dessa área mesmo. Aí eu...

P/1 – Por quê?

R – Gente, até hoje eles se preocupam (risos), tipo, eu não sei, eu acho que não é da vida deles mesmo, nem da vida do meu pai nem da vida

minha mãe, eles nunca tiveram nenhuma referência, sabe, eu que levei esse mundo pra eles e eu também não entendo muito. Hoje, eu olho pra irmã da minha mãe, a irmã da minha mãe canta no coral da igreja, minha tia, ela é muito artística e até a minha mãe, minha mãe, ela inventa tanto pros alunos dela, eu acho que tem, mas eu acho que tem um medo de falar que você vai ser artista, sabe, assim? Eu sinto que a área artística, eu acho que até mais da família da minha mãe do que da família do meu pai, sabe, meu avô era jardineiro, eu sei que não é, mas tem um lugar ali de lidar, né, com escolhas que você faz, mais do que na parte do meu pai, porque era uma coisa mais exata, mas eu acho que tinha um medo mesmo. Então a minha mãe, eu fazia esses cursos, quando eu fui prestar ECA, eu só prestei só ECA porque eles sabiam, eu só falei: “Vou prestar USP pra qualquer coisa”, ainda eu falei isso.

P/1 – Você estava falando da sua relação de ser artista na sua família.

R – É, pra eles era difícil, então, quando eu prestei ECA, eu falei: “Olha, eu vou prestar pra alguma coisa, só pra ver como é o vestibular”. E aí tanto que eu brinco, que eu tinha um pouco mais do que 50 quilos, a segunda fase da Fuvest foi tão horrorosa pra mim, eu acho que a fase que foi pior da minha vida foi o vestibular, porque, como eu falei, eu sempre gostei de provas, eu sabia que eu não estava preparada pra fazer, só que, pra mim, não tinha essa opção de eu fazer só pra ver, entendeu? Eu tinha um lugar, eu sempre tive um lugar meio competitivo comigo, de: se eu fosse fazer, era pra fazer, era pra levar a sério, era pra... Aí, quando eu fui pra segunda fase, gente, Física, eu não sabia nada de Física, tanto que eu voltei da segunda fase achando que eu tinha zerado de Física, só que, como é dissertativa, alguma coisa ali devi estar certa, né, porque fui pra prova específica. Mas eu tinha acho que uns 51 quilos, eu perdi quatro quilos, que eu só fui ter de novo depois que eu engraidei e depois que nasceu o neném, nunca mais fiquei com 50, você entendeu? Foi desgastante demais, então eu levei muito mesmo a sério o vestibular. E aí eu passei na Fundação das Artes, mas aí os meus pais falaram: “Olha, pra fazer Teatro e morar aqui você vai ter que fazer uma faculdade de outra coisa, não existe fazer faculdade de Teatro”, aí eu peguei, só que eu tinha muita sorte, nessa época eu já estava lá no Piaget há algum tempo, eu já estava dando aula de balé. Aí já estava dando aula de balé e já era professora do integral dos adolescentes, do Ginásio pra cima, de quinta a oitava série ficava comigo à tarde e eu fazia, sabe, a lição de casa, dava alguma aula de Teatro, eles ficavam todos os dias comigo à tarde e eu comecei a ganhar bem porque eu dava aula de balé, eu ganhava o meu salário da aula mais o salário do integral. Aí eu prestei a faculdade nesse outro ano e fiquei em terceiro lugar na Metodista de Comunicação Social e aí meus pais também não podiam pagar faculdade, aí eu pagava, tipo, eu prestei Comunicação Social, prestei PUC [Pontifícia Universidade Católica], Hotelaria, não, porque eu tinha que fazer faculdade de uma outra coisa, e prestei de novo ECA e a ECA não fui pra segunda fase. Aí a PUC, Hotelaria, eu também passei, só que eu não ia ter nenhum desconto e na Metodista eu ia ter, terceiro lugar, eu pagava, assim, 60% do curso no primeiro ano eu não pagava, aí no segundo ano diminuía pra 40, mas se eu mantivesse as notas.

P/1 – Que curso?

R – Rádio e Televisão, e à noite a Fundação das Artes, que era todo dia, mas eu dava muita sorte, porque nesse ano eu virei coordenadora cultural do Jean Piaget, aí de manhã eu fazia Rádio e TV, que foi onde eu conheci o Lubi e que foi, pra mim, foi a primeira grande experiência de grupo da minha vida, porque os meus melhores amigos, onde eu tive a primeira vez uma dupla na vida foi na faculdade, que é o Fabiano, que é um amigo, assim. Mas é uma turma que realmente eu me reconhecia e não tinha muito a ver com o meu curso, porque o curso a gente achava horroroso: “Precisa quatro anos pra fazer isso?”, mas os trabalhos eram tão abertos, tão abertos que a gente podia experimentar muito enquanto coletivo. Então eu já fazia todos os trabalhos com o Lubi, com o Fabiano, então, sabe, com a Cami, com a Flávia, a Karina, era um grupo que formou, foi a primeira...

P/1 – Isso na Fundação das Artes?

R – Não, já na faculdade. Porque o primeiro ano e só fiz Fundação das Artes e fiz cursinho e trabalhei, no segundo ano da Fundação das Artes, de manhã, eu entrei na Metodista, aí eu fazia Metodista, à tarde eu fazia, trabalhava no Jean Piaget, eu trabalhava, ganhava bem mais do que a minha mãe, porque eu era coordenadora cultural e dava todas as minhas aulas de teatro, então eu cuidava de todos os passeios, de todas as atividades culturais, sabe, viagens, viagens pra, ah, Ouro Preto, aí eu fazia todo um módulo. Eu era muito, assim, doída, porque eu inventava umas coisas, aí eu ia atrás de material de arte e educação, de não sei o quê, mas eu que organizava todos os (risos), sabe, o conteúdo da viagem, eu viajava junto com o colegial, era sempre, e as crianças, assim, no Jean Piaget, eu criei um monte de criança, teve crianças que fizeram lá no integral comigo, que eles estavam no, sei lá, jardim dois, primeiro ano, que estavam no integral comigo já grandes e que fizeram aula de teatro comigo, sabe, eu criei umas crianças porque eu fiquei dez anos na escola, né? Aí, enfim, aí eu comecei, aí na faculdade eu me achei, porque no teatro eu entrei muito sem nenhuma noção do que era teatro, na escola, eu fazia os grupos de teatro, mas eu não tinha nenhuma noção formal, sabe, eu não sabia quem era Stanislavski, eu não sabia de Brecht, nada, então foi tudo na fundação. Porém, o grupo da fundação não era um grupo que, nesse lugar, eu encarava muito como uma escola, que eu estava aprendendo técnicas, dicção, tudo, eu aproveitei muito, mas nesse lugar de te dar uma técnica, não de você fazer um teatro, não. Aí na faculdade sim, na faculdade eu nem estava como atriz, né, eu estava muito, a gente bolando, mas era um grupo, eu falava: “Não, é isso” e lá eu percebia que eu estava, que realmente me acionava num lugar de confiança ali um com o outro, que era aquilo, sabe? Aí, enfim, aí foi, foi, foi.

P/1 – Aí não fazia teatro na faculdade?

R – Não era teatro, faculdade, quando precisava de atriz, eu era atriz, mas tipo umas papagaiada, né, era tudo rádio e TV, criar uns programas, não sei o quê, porém, aí foi bem isso. Aí foi indo, foi indo, até que teve um ano, que era o último ano meu da faculdade, eu tinha que fazer estágio na área, coincidiu com o Jean Piaget mandar minha mãe embora, a minha avó tinha falecido, a minha mãe estava muito frágil e a dona da escola, até hoje, ela é mãe de duas grandes amigas minhas, eu achei muito covarde, sabe, porque minha mãe nunca faltou, minha mãe é a professora. Sabe uma professora que o tempo está tendo que levar? Ela adora, ela gosta mesmo, então pra mim foi meio... Aí eu falei: “Ah, vou aproveitar, vou pedir a conta”, porque eu tinha seis meses pra terminar a faculdade, era a última chance de fazer estágio, mas eu lembro, assim, e eu paguei minha faculdade inteira com o Jean Piaget, paguei meu primeiro carro, foi tudo assim. Aí eu guardei, eu tinha um dinheiro pra terminar de pagar

minha faculdade, os últimos seis meses, eu lembro que eu paguei à vista até, com a minha rescisão ali, e aí eu fui, eu lembro que eu ganhava três mil, na época, super bem, imagina, há trocentos anos atrás, eu lembro que eu ganhava tipo três mil e duzentos reais e fui pra ganhar 98, que era o salário mínimo, na Bandeirantes. Aí eu fui trabalhar com TV, aí eu fiz, na Bandeirantes, um programa que chamava Falcão na contramão, com o Falcão. Sabe aquele Falcão do girassol? Ele. Depois, logo a Bandeirantes me chamou pra um monte de coisa, porque também tem isso, todo o lugar que eu ia, é muito, eu nunca entrava num lugar e saía daquele lugar, eu já ia mudando, porque já iam me chamando: “Aí, eu tenho um projeto novo”, “Aí, você não quer ser a coordenadora?”, sabe, tipo: “Ah, você” e ia. Aí, nessa época do Falcão, foram me chamando e me efetivaram na Bandeirantes pra eu fazer projetos especiais, era na época dos 500 anos do Brasil, sabe, 500 anos de descoberta do Brasil, então eu fiz show do Pavarotti na Bahia, Caetano Veloso na Embaixada do Brasil na Itália, eu era, fazia réveillon na Paulista, a Band Folia, eu fazia esses projetos que não eram cotidianos, que era muito legal.

P/1 – O que você fazia nesses projetos?

R – Eu era produtora, no começo assistente de produção, depois produtora, que é fazer o negócio rolar, aí, enfim, super gostava, super rolava. Só que aí a questão, os projetos especiais, o que aconteceu? Eu estava tentando lembrar esses dias, eu lembro, aconteceu um negócio, ah, caiu o Band Folia, o réveillon na Paulista, a Band perdeu pra Globo, de transmitir, e aí enfraqueceu e não ia ter mais o departamento, eles iam abrir só pro Band Folia, aí chamavam pro Band Folia, então virou uma coisa meio intermitente, sabe? Aí eu fui pra Rede TV!, aí eu fui fazer o SuperPop, na época da Galisteu, a Galisteu, assim que eu entrei lá, saiu, virou uma zona até entrar a Luciana Gimenez, e aí eu fiquei doente 500 vezes e eu vi que não queria fazer isso da vida mesmo. Na Band tinha um lugar meio, sabe de fazer uma festa? De você: “Aí” e a festa ficava pronta, mas na Rede TV!, que era esse programa diário, era uma coisa que você falava assim: “Não acredito que eu estudei pra fazer isso”, porque era, não tinha crivo nenhum, a coisa caía, sabe, tipo, era uma falta de respeito com as pessoas que iam, era tudo o que eu não acreditava. E aí, nessa época, eu estava começando o estudo com o Lubi, porque o Lubi estava na EAD, começou a participar do curso do Tó e o Lubi era meu colega de faculdade, fazia um ano, meses que a faculdade tinha acabado, mas ele nunca nem foi me ver no teatro. Tem uma coisa engraçada, que eu acho importante, que eu enchia o saco do Lubi pra fazer teatro na faculdade, eu já fazia há um ano a fundação quando eu entrei na faculdade e ele foi fazer fundação depois disso, ele saiu da fundação e foi fazer EAD.

P/1 – Ele não foi te ver lá quando você foi se apresentar?

R – Não, ele só me via nas coisinhas que a gente fazia da escola, mas ele não conhecia, assim. Mas aí ele me chamou pra participar da pesquisa do Hysteria e eu já tinha desistido de trabalhar na área de TV. A Rede TV! não me dispensava, não me demitia, até eu saí de lá sem eles assinarem minha carteira, como desistente, porque eles não aceitaram minha demissão. E aí eu comecei a trabalhar, financeiramente, porque tudo coincidiu, foi em 2000 pra 2001, foi isso e foi uma coisa assim, meus pais, meu pai faliu de novo e meu pai tinha mudado já pra Santa Catarina com o meu irmão. Santa Catarina era um lugar que a gente ia nas férias de família, meu pai alugava uma casa de um amigo dele lá em Camboriú, e aí meu pai faliu, ficou bem deprimido, minha mãe falou: “Ah, vamos pra lá”. Meu pai sempre foi aquela pessoa que, qualquer lugar que ele ia, ele falava: “Vou vender tudo e vou vir pra cá”, qualquer lugar, qualquer lugar ele falava isso, então a gente nunca levou muito a sério, mas essa vez ele ficou mal. Minha mãe, nessa época, como ela tinha sido demitida do Jean Piaget, ela trabalhava de vendedora do Extra, lá na Anchieta, ela vendia geladeira, fogão, eletro e ela saía todo dia duas da manhã, porque era o Extra 24 horas, e aí ela continuou trabalhando, ficou eu e ela em São Bernardo, meu pai foi com meu irmão pra Santa Catarina. Eles ficaram seis meses lá, quando eles estavam mais ou menos, assim, o meu pai tinha montado um restaurantezinho pequeno, papapá, aí ela foi pra lá, mas então minha mãe ainda ficou mantendo eles lá também com o trabalho dela. Aí em Santa Catarina que minha mãe foi fazer faculdade, pós, fazer concurso público, aí ela foi bem pra área da educação mesmo. Aí nessa, foi bem na mesma época, meus pais foram pra Santa Catarina, inclusive minha mãe, nessa mesma época, eu decidi que eu não queria trabalhar em TV, aí um amigo meu conseguiu uma vaga pra eu produzir o Teatro Popular do SESI [Serviço Social da Indústria], na Paulista, eu fui produzir um infante-juvenil lá, foi super bom, porque financeiramente deu pra eu me segurar, porque meus pais tinha ido, eu não tinha mais, eles queriam muito que eu fosse junto, porque em algum lugar não tinha nada que me segurasse, eu já tinha terminado a faculdade, só que eu não queria ir e eu ainda não conseguia bancar uma casa, porque não estava mais na época do Jean Piaget, que eu ganhava bem. Então eu continuei morando em São Bernardo ainda, que a casa estava à venda, mas, né, aí eu fiz uma transição, arranjei uma amiga pra morar comigo na Liberdade, aí a casa continuou lá à venda, mas sem mim, porque aí eu já ficava mais perto, comecei a fazer o projeto da Hysteria, de sábado e domingo a gente se encontrava e trabalhava no Teatro Popular do SESI e comecei, dava aula no Célia Helena duas vezes por semana. Dando aula no Célia Helena duas vezes por semana, de dança, me chamaram para dar aula na Talentos Brilhantes, que era uma agência de criança, aí a menina, que era minha aluna do Célia Helena, o pai dela era dono dessa agência, ele ia criar uma escola, aí ela me chamou pra ser coordenadora com ela dessa escola de Teatro, que também, graças, eu estou falando, tem uma...

P/1 – Era escola de Teatro mesmo?

R – Que a Talentos Brilhantes financiou, sabe, e foi uma escola que o intuito era ser uma escola bem barata, então a gente tinha muitos alunos e aí eu que selecionei todos os professores, então praticamente todos os meus (risos), porque era o pessoal do teatro que eu conhecia, estava muito começando, fazendo Hysteria, comecinho da Hysteria. E aí foi muito bom, porque também foi uma forma de dar emprego pra todo mundo, porque tinha muito aluno, nós abrimos a escola com 450 alunos já, porque era uma escola muito barata, então tinha muita gente assim: padeiro, que ia fazer curso à noite, sabe, pessoas que sempre tiveram vontade.

P/1 – Ah, não era só pra criança?

R – Não, não, era uma escola que a Talentos Brilhantes financiou, mas era lá na Rui Barbosa, o plano da escola era se bancar em cinco anos, a Talentos Brilhantes quebrou no segundo ano da escola, mas a escola ainda continuou, eu saí, porque não ia mais nos moldes que... E eu já estava muito encaminhada no XIX mesmo, mas no primeiro ano, assim, a Hysteria, quando estreou a Hysteria, foi muito louco, porque eu falava pra todo mundo, ia ensaiar sábado e domingo, fazendo Teatro Popular do SESI e começando o projeto dessa escola, era meio, né, foi assim, muitas vezes

na minha vida eu tive seis empregos, sabe, sempre, então era meio normal. Aí foi muito doido, porque nesse... As pessoas chegavam pra mim e falavam: “Mas que peça que você vai fazer?”, eu falava: “Gente, é super experimental, não sei, é uma peça, a gente está fazendo, ensaiando lá na EAD, não sei o que, é assim, não vai pensando numa peça muito tradicional, não, uma coisa meio aberta”, não sei o que, às vezes nem eu sabia direito, sabe? E foi muito doido, porque, pra mim, assim, eu fazia ainda, nesse mesmo ano, como atriz, um menino que fez teatro, escola, faculdade com a gente, que não era muito da nossa turminha, mas era, ele falava: “Juliana, já que já trabalhou na televisão, eu vou te chamar pra ser atriz, porque eu acho você muito boa”, papapá. E ele começou, nessa época, a Adriane Galisteu estava na Record e tinha um quadro semanal e ele me chamou pra ser atriz desse quadro semanal, que também segurou muito as pontas, porque eu tinha um saláriozinho ali que não era muito, mas era fixo. Sabe aquela coisa que você tem 500 mil? E tudo meio de acordo, porque quem me indicou pra trabalhar no Teatro Popular do SESI foi o Fabiano, também da faculdade, o Lubi, que nunca me viu em cena, me chamou pra fazer o processo já do Hysteria, então eu falo assim, que a faculdade, não pelo curso, mas pelo encontro, foi muito um divisor de águas, porque nessa época foi muito isso, cada um me indicou pra uma coisa. Eu sei que eu estava ali, meio que...

P/1 – Quando foi fazer o trabalho com o Lubi, ele já estava no EAD?

R – Ele estava, eu não, eu nunca fiz EAD.

P/1 – Você não e aí você participava lá?

R – Eu tinha dado aula no Célia Helena pra Sara e pra Raissa, aula, assim, elas fizeram com a Cleyde Yáconis um semestre e eu era a preparadora corporal do semestre da Cleyde, a Cleyde me chamou pra fazer as coreografias, o que precisasse pra peça, então eu tinha trabalhado com elas ali. Mas era muito engraçado, porque eu entrei no XIX e tinha uma olhada estranha, eu não era da turma.

P/1 – E elas já estavam?

R – Elas já estavam, elas já estavam.

P/2 – E o XIX já existia?

R – Não.

P/2 – Era um coletivo.

R – Não existia, era uma matéria da ECA, mas a Raissa fazia essa matéria, a Sara fazia e tinha mais gente que fazia, a Jana no segundo momento entrou, eu entrei no terceiro momento, sabe?

P/1 – Só que elas eram da EAD?

R – Da EAD? A Jana era.

P/1 – O Lubi.

R – A Raissa, não, a Jana, a Sara, a Gisele e o Lubi, a Raissa também não era, mas eram algumas pessoas, sabe, não era Hysteria” ainda, não era a peça, mas tinha o projeto. Quando eu entrei, já tinha uma ideia, uma vontade de fazer os ensaios à parte pra levantar alguma coisa, eu entrei, a gente já começou a ensaiar de sábado também, sábado e domingo ali.

P/1 – Você falou que o pessoal te olhava.

R – É, porque eu era muito de outra, eu não era nada, sabe, eles olhavam, tipo: “Por que o Lubi indicou?”, porque pras meninas eu era professora quase de dança que entrava ali, não tinha, eu não era dessa turma, sabe? Então por muito tempo era engraçado, porque eu sentia meio num teste, com o Lubi não, porque com o Lubi a gente já era muito parceiro, mas com as meninas, elas eram muito da academia, tipo, eu entrei no teatro de uma forma muito primeiro fazendo pra depois ir entendendo o que eu estava fazendo. Aí quando foi, imagina, eu fiz Faculdade de Rádio e TV com o Lubi e aí ele... Elas não sabiam muito nem da minha trajetória, porque eu não tinha uma trajetória de teatro, o próprio curso que eu fiz foi um curso que eu levei muito pra aprender coisas técnicas mesmo, pra uma coisa que eu já fazia de pequena, né, então não era uma... Eu não era da turma e aí era engraçado, porque eu sentia uma coisa no começo, era engraçado tudo. Porém, quando nós estreamos, quando nós começamos a abrir ensaio e a colocar ali, eu tinha uma insegurança muito grande, porque fazia muito tempo que eu não estava atuando, porque, quando eu fui estagiar, tudo, na TV, eu acreditei que podia ser a minha área. Aí, quando eu comecei a ficar doente e ver que não era mesmo, quando eu voltei a produzir teatro, eu falava pra todos os meus amigos desse métier da produção: “Gente, eu quero”, ninguém me chamava nem pra teste, porque ninguém me enxergava muito aí. E aí a Lubi me chamou e foi muito doido, né, porque eu entrei no processo, eu entrei nas descobertas de cena e aí começava, levava uma outra coisa, porque eu sempre fui muito, extremamente pontual, acho que por conta da minha mãe, por conta do balé, que eu tinha, então também levava uma coisa ali muito do trabalho, sabe, muito, então isso também foi bom, assim, porque propiciou a coisa e eu e o Lubi, a gente era muito parceiro, então também..

P/2 – Então começou como um projeto de um coletivo?

R – É, o XIX não começou muito, começou primeiro o Hysteria, a peça Hysteria.

P/1 – A peça.

R – Aí a peça Hysteria começou em 2001, a peça Hysteria começou em 2001, em 2003, nós fizemos um projeto pela prefeitura, que chamava Formação de Público, e nós apresentamos o ano de 2000 inteiro de terça a domingo, todos os dias, essa peça, então foi formação de grupo, que a gente brinca.

P/1 – Era a Hysteria?

R – É. E aí nesse projeto a gente começou: “E o próximo passo?”, a gente se via todos os dias, eu coordenava a escola o dia inteiro, todos os dias, eles ainda davam aula lá, aí eu ia à tarde pro, final da tarde, pro Sítio Morrinhos, porque a peça era à noite lá, com velas, toda uma...

P/1 – Como que é, Juliana, você trabalhar, tal e à noite vai representar? Tem como expressar isso?

R – Pra mim era muito normal, porque é isso, sempre que os meus pais, pra eles não existia isso, então pra eles, eles acreditavam muito que eu ia ficar dois meses, ia voltar, ia ir pra Santa Catarina. A minha mãe fala que a coisa que ela mais... Sempre sentiu um pouco de carência de filha, porque ela sempre me achou muito independente demais e eu acho que, pra eu bancar uma coisa que não era o que eles queriam, essa noção da responsabilidade da minha escolha era muito forte. Então eu sempre, gente, não tinha muita opção: “Ai, não vai ter dinheiro mês que vem”, “Pode?”, “Posso”, “Sabe?”, “Sei”, me viro, ia lá e dava um jeito mesmo e também tinha uma sorte, eu acho, de uma comunicação ali com a pessoa, de uma relação boa, que isso sempre me gerava uma outra coisa, sabe, nunca era só exatamente o que a pessoa estava querendo, sempre tinha uma: “Olha, não sei o que”, papapá, então eu também tinha essa sorte aí das coisas, né, consegui ter, mas, assim, eu sempre tive essa resposta. Então, pra mim, eu nunca imaginei que eu ia trabalhar com teatro, né, eu lembro que no terceiro colegial, lá no Jean Piaget, a psicóloga da escola fez um trabalho com a gente, que estava todo mundo na época de vestibular, ela colocou uma lata de lixo no meio da sala e falou assim: “Olhem pra essa lata de lixo e me falem o que vocês veem, são vocês daqui a dez anos” e cada um falava. Eu lembro que eu falei, eu falei: “Eu quero, daqui a dez anos, estar fazendo teatro, quero ter um carro”, o que eu imaginava de sucesso, assim: “Eu quero fazer teatro, mas eu quero, de alguma forma, trabalhar com isso, sabe, eu quero ter um carro, morar sozinha”, eu tinha uma... Eu lembro, eu imaginava uma coisa meio, uma roupa branca, sabe? Eu lembro de falar isso e eu lembro que... Esqueci, né, aí eu lembro que um dia eu lembrei disso e era muito assustador, porque eu estava morando na Liberdade, dividindo apartamento com uma amiga, que era um sonho, um sonho, assim, nossa, era muito um sonho morar sozinha, né, nesse lugar, e estava fazendo Hysteria, que as roupas são tudo meio brancas, e tinha o meu carro que me levava, sabe, que ia, então pra mim, eu falei: “Nossa”, tipo: “Uau, que exercício de futurologia!”. Mas nesse lapso de dez anos, eu fui pra um outro lado, eu achava que podia, né, de uma outra forma, então, quando eu comecei fazer o projeto da Hysteria, eu não imaginava que o Hysteria ia ser o Hysteria, não, era um projeto de voltar pro teatro, que eu estava querendo e ninguém me chamava. O Lubi me chamou, eu comecei a sentir que eu podia criar, que era um lugar que estava aberto, não estava fechado, então canalizava uma parceria de criação que eu tinha com ele, com uma vontade, era mega insegura, porque tinha tido um tempo aí já da escola de Teatro, dos grupinhos que eu já tinha sido, porém, as meninas também eram muito jovens, então estava todo mundo meio junto ali, né? Aí Hysteria foi meio que um boom, muito assustador, muito, eu não vou falar que é assustador porque parecia muito comum, muito normal, você está fazendo uma peça, de repente é todo dia a peça, de repente a Fernanda Montenegro foi ver a peça, de repente a Fernanda Montenegro levou a peça pra Portugal, de repente... Era uma coisa, papapá.

P/1 – Ela que levou?

R – É, ela que indicou e a Fernanda Montenegro é a minha maior ídolo de toda, de toda, né, de imaginar, tipo, de relação com o teatro, pra mim, eu tive muito mais contato com a televisão do que com o teatro, então ela era muito forte de assistir, os meus pais não tinham esse costume mesmo de ir ao teatro, fui pouquíssimas vezes de pequena, então pra mim era muito... E era muito legal, porque era uma peça muito tranquila, não era o palco, não era, era muito próxima, então, ao mesmo tempo que era esse boom, era um boom o tempo todo você conversando com pessoas, não era um lugar de, sabe, de... Era um lugar, parece que você continuava pesquisando, parece que o processo não acabava, não tinha. Então, pra mim, eu dava aula o dia inteiro, eu trabalhava o dia inteiro coordenando a escola, né, vira e mexe algum professor faltava, eu dava aula, papapá, tinha uma, sempre tive muita facilidade com as crianças e os adolescentes, era muito tranquilo, assim, muito exaustivo, eu sentia que eu voltava sem alma quando eu dava muita aula, sabe, porque você tem que se dar muito, mas era, sempre foi um canal fácil, não era difícil de acessar, era só pra manter ali aquela energia todo dia, que não é bolinho, não, eu falo que professor, gente, pelo amor, é, né, muita... E à noite, eu ia pra lá, era quase uma extensão porque eu ia fazer uma coisa, que estava num lugar ainda de eu estar redescobrimdo, de eu estar, né, Hysteria começou, tinha 40 minutos, a peça hoje tem uma hora e 40 e não aumentou nada de texto, o que aumentou foram esses espaço pra conversa na peça, mesmo, o que aumentou foi uma tranquilidade nossa de como é que eu conduzo, mas abro pra esse diálogo, como é que eu conduzo, pra onde, porque tem um lugar pra se chegar, tem um roteiro, né, tem um lugar, mas como é que eu conduzo esse processo, essa experiência e isso que aumentou na peça, porque a peça não aumentou nada de texto do começo pra agora.

P/1 – As outras peças também vão nessa linha, né, diálogo com o público?

R – Sim.

P/1 – A maioria, pelo menos.

R – É, aí, bom, aí, quando a gente se entendeu como grupo, né, que começou, todas sim, só que todas, Hygiene foi quase o contrário, porque Hygiene a gente tinha muito material, muito material, a gente tinha, o começo da peça tinha três horas de material levantado, aí dava pra fazer três peças, sabe? Hygiene a gente fez quase ao contrário, a gente tinha um material grande, a gente foi tirando, tirando, tirando, tirando material, para ter esse espaço da conversa, porque esse material com esse espaço da conversa era... Não ia dar.

P/1 – Vocês chegaram a apresentar grande assim?

R – Mais ou menos, a primeira temporada já foi muito tenso, né, Hygiene, porque nós fizemos uma primeira temporada e coincidiu com a saída da Gisela, então a gente estreou, praticamente, a peça já diminuindo ela, diminuindo os personagens da Gi e na primeira temporada foi muito doido, porque a peça não estava ainda, a gente não estava entendendo ela. Então nós fizemos uma temporada que nenhum dia a peça foi igual, a gente mudava de um dia pro outro, era quase um processo aberto, sabe, pra peça virar e foi tirando coisa, tirando coisa pra abrir mais, inclusive, o espaço com essa plateia, foi meio que esse caminho. Eu acredito que Hysteria tem um espaço maior da pessoa se colocar em cena, Hygiene é um espaço muito da pessoa, é quase ter um espaço pra pessoa falar, mas essa fala é quase pra ela nos acompanhar, sabe? E aí chegou o Arrufos, o Arrufos também foi um processo nosso, o Hygiene tem uma coisa, que todo o processo da Hygiene, começou Noiva Amarela e eu optei por ficar só com a Noiva Amarela, porque todo mundo tinha cinco personagens no começo, porque coincidiu com a minha crise de pânico. Porque uma coisa, assim, meio paralela, quando começou Hysteria, eu conheci meu marido, eu comecei a namorar com ele, 2001 foi isso, meus pais foram pra Santa Catarina, comecei outra profissão, comecei a namorar, ele é seis anos mais novo do que eu, então ele era um pivete, né, imagina, mas aí foi indo tudo, né, tudo meio junto. Aí, quando eu tive a síndrome do pânico, foi o ano que eu casei e foi o ano do processo do Hygiene e foi o ano também que a Hysteria foi pra França, foi tudo nesse mesmo ano, então foi um ano de muito sucesso da Hysteria, no sentido de, tipo: “Nossa, não acredito que a gente está fazendo quase três meses de temporada na França”, em francês, já se apropriando de se comunicar com, né, uma coisa mega, assim, ao mesmo tempo, eu medicada e meu primeiro ano de casada também. Então eu estava saindo de um lugar que eu, porque eu nunca quis ser casada na vida, eu sempre tive muito medo de casar, meu marido, a gente ia morar junto, ele falou: “Ah, então vamos casar” e eu: “Ai, meu Deus”, tudo nesse mesmo ano, assim, aí eu: “Ai, Júlio, tá, não sei o que, vamos lá”, mas eu tinha um medo mesmo, assim, sabe, de falar esse nome, não sei. Meus pais são casados até hoje, o casamento deles é ok, de boa, eles são mó parceiros, eu não sei por que, mas eu acho que eu sempre tive essa vontade de ser independente (risos), sei lá, e pra mim o casamento era uma coisa que ia brigar com isso, né, não sei.

P/1 – E você viajando.

R – É, não, eu fui, a lua de mel minha foi com o XIX, eu casei e fui fazer lua de mel com o XIX (risos), sempre foi meio assim, eu fui fazer a lua de mel com o XIX, né, e começou.

P/1 – Ele também é da área?

R – Não, ele é irmão de um amigo meu que é ator, ele é engenheiro elétrico, mas como o amigo dele é ator, o irmão dele é ator, por isso que eu conheci, mas ele também é seis anos mais novo do que eu, então ele também nunca teve muito uma oportunidade de ficar incomodado com isso (risos), entendeu? Porque já era a minha realidade, eu já morava sozinha, eu já tinha, né, muito já estava em mim, tinha, então também sempre foi tranquilo, o irmão dele também é da área, então...

P/1 – Como era você com a síndrome do pânico atuando?

R – Olha, eu estava medicada na França. Em todo o processo do Hygiene, mas é uma coisa que, assim, é muito louco, porque o processo inteiro do Hygiene, eu ficava meio à parte, porque a Noiva Amarela não fala e eu tinha muitos momentos que eu... No começo da peça eu era muito vendada, agora ficou só um pedaço, mas no começo da peça tinha muito, então eu andava, era quase um processo paralelo. Só que, pra mim, a síndrome do pânico, eu trabalhar me ajudava, pra mim era muito desespero ficar sozinha e era engraçado, porque o que eu mais sempre quis na vida, no mundo era ter esses meus momentos sozinha e a síndrome do pânico era um medo absurdo de ficar sozinha, isso era terrível, assim. Então, quando a Hysteria foi pra África, até uma das fotos que eu coloco aí, foi a primeira crise, foi um momento que todo mundo podia ter um quarto, isso nunca acontece, né, sempre tem que dividir, eu falei: “Eee”, eu cheguei pra Janaína, eu falei: “Por favor, você vai comigo no quarto?”, a Jana: “Fico”, eu só chorava, foi a primeira crise que eu tive. Aí, quando nós voltamos da África, que eu fui procurar médico, fui me medicar, aí em seguida casei, fomos pra França e começamos o processo do Hygiene, que era todo um processo, então eu estava medicada, então medicada você ficava com uma certa calma, porém eu tinha que estar sabendo que eu estava trabalhando, que estava, sabe? Foi um processo quase que paralelo, meu e do pessoal, meu processo foi menos coletivo que o deles, mas porque o personagem tem uma coisa também e ele é o personagem que liga, então, mas eu sinto que os meninos, como entraram, os meninos entraram, né, no processo, eu conheci os meninos mais tarde, na minha opinião, porque nesse processo eu não tive tanto contato com eles, sabe, com as meninas eu tinha por causa da Hysteria, né? Aí depois nós fomos pro Arrufos.

P/1 – Ju, antes da Hygiene, vocês fizeram uma pesquisa aqui, né?

R – Fizemos, foi a nossa entrada aqui na vila.

P/2 – É isso que eu ia perguntar. Como é que vocês vieram parar? Porque até então vocês eram um grupo de teatro, que tinha os projetos, as peças que aconteciam, vocês não tinham um ponto fixo.

R – Sim. Aí, bom, com esse ano inteiro em cartaz com a Hysteria, nós começamos a estudar e aí um dia nós vimos uma matéria na Revista da Folha que eram as vilas operárias de São Paulo, nisso a gente já estava pesquisando o próximo assunto da próxima peça, porque a gente já achava que a gente podia ser um grupo. No momento, a nossa sede acabava sendo lá no Sítio Morrinhos, que era o lugar que a gente apresentava todo dia Hysteria, e a gente já queria estudar casa, sabe, o tema era meio casa. Nós fomos pra vários momentos assim, desde do baixo lá, dessa questão da casa meio simbólica, do sótão, do porão, tudo isso, mas aí nós começamos a estudar e na história do Brasil, parecido com a Hysteria, com essa normatização, patologia, quase um lugar da mulher, do que que era, o final do século XIX, começo do século XX foi muito forte na questão da habitação. Até então tinham muitas casas coletivas, os cortiços, e aí, por conta de um caso bem específico do Rio de

Janeiro, que eles queriam seguir um processo de urbanização muito parecido com Paris, das grandes avenidas, tudo, começou a usar a higiene, a questão das normas de saúde, pra enfraquecer essas casas coletivas, essas habitações coletivas e pra começar a normatizar formas de morar. Então é dessa época que veio aquele ditado: “Em briga de marido e mulher não se mete a colher”, de privatizar cada família: “Quem casa quer casa”, começou muito nessa, com esse projeto aí e com coisas reais que aconteceram, a peste, febre amarela, que também então eles pegaram, fizeram um movimento muito forte, também pra enfraquecer esses movimentos sindicais que começavam muito nos cortiços, que também era a industrialização, precisava que esses funcionários trabalhassem, que não parassem, que não se juntassem, então tudo isso estava envolvido com essa questão da habitação. Quando a gente chega nesse momento, a gente fala: “Poxa, super legal, porque a gente vai falar de tudo falando de uma coisa, que é casa”, aí pegamos aqui, São Paulo, um modelo disso foram as vilas operárias, que tem aquela Vila dos Ingleses. Aí saiu essa Revista da Folha, a capa era ali, a frente da escola, a gente estava: “Ah, vamos primeiro na Vila dos Ingleses, depois”, erramos o caminho, aparecemos aqui na frente, aí tinha essa cancela aí, a gente: “Ah, vamos entrar”, o cara falou: “Pode entrar, lá no fundo tem uma associação”, não sei o quê. Chegamos na associação, demos de cara com o Hélio e a Kika, que a irmã da Kika é a Babi, que fazia teatro, e eles tinham ido assistir Hysteria lá no Sítio Morrinhos naquela semana, apaixonados: “Não, gente, tem um lugar aqui, um armazém, que hoje em dia é entulho das pessoas, mas se a gente ajudasse vocês a limpar pra vocês fazerem uma apresentação lá?”.

P/1 – Da Hysteria?

R – Da Hysteria, isso ainda em 2003. Ajudaram a gente, fizeram uma força-tarefa, todo mundo tirando, não dava nem pra ver o chão ali do armazém, tudo entulho, entulho, tiramos, fizemos uma apresentação assim: “Vamos lá e fazemos”, né, não usava luz mesmo. Aí fizemos o nosso projeto de fomento já pra cá, já pra vila, aí ganhamos, fomos contemplados com esse fomento, foi o primeiro fomento do Grupo XIX e aí começamos a habitar esse armazém e nesse processo descobrindo a vila inteira. Aí nós fizemos um processo de ir nos habitantes, nos moradores mais antigos, que tinham muito a ver com a história da vila, que era da fábrica de juta, muitos deles foram crianças de oito anos que já trabalhavam, né, na época, na fábrica, então nós fizemos uma série de entrevistas aqui e começamos a possibilitar a entrada nas escolas. Então começamos a entrar com enxada, papapá, descobrindo esse chão, tirando o matagal, pra entra na escola, aí nós criamos o Hygiene, que é um cortejo pela vila e o segundo ato é inteiro dentro da escola, sabe, como se fosse nosso cortiço. Então é um processo artístico, que tem todo o processo estrutural dele, de como ele foi feito, dentro da história, assim

P/1 – Ju, quando vocês pensaram em vir conhecer a vila, qual era o objetivo principal? Quando vocês vieram, porque não era ocupar.

R – A princípio, a gente pensou que podia fazer até no Sítio Morrinhos o Hygiene, né, o processo foi: “Vamos conhecer essas vilas e vamos entender, porque é o que a gente está estudando”.

P/1 – Pesquisa de campo.

R – Exato. Aí, quando chegou, o Hélio e a Kika ali, é um elo muito legal, que a Kika, quantos anos depois? Isso foi em 2003, 14 anos depois, a Kika hoje está fazendo o meu núcleo, de novo, e foi muito legal, por exemplo, eles foram no meu casamento, o Hélio e a Kika, ela estava grávida do Ian, o Ian tem 12 anos, é, tipo, tudo junto, né, por isso que é muito junto mesmo. Aí eles, esse primeiro ano, a nossa, também era uma coisa a entrada dos meninos, porque os meninos, o que possibilitou a entrada deles também foi esse fomento, uma forma de financiar, uma forma, porque é isso, você pode ter um projeto, mas um projeto pra você bancar encontros, você tem que ter um subsídio, então o fomento foi esse subsídio nesse momento. Porque até então, apresentar todos os dias “Hysteria” no ano nos bancava financeiramente, as meninas.

P/1 – Como?

R – Porque a prefeitura comprava esses projetos, então a peça estava comprada de terça a domingo, o ano inteiro, foi a época que a gente ganhou melhor em toda a vida.

P/1 – Então a peça era uma contratação da prefeitura?

R – Exatamente, pelo Projeto Vocacional, eles pagavam por espetáculo, imagina, você faz, a gente ganhava muito. Eu ainda era coordenadora da outra escola, era, não, foi com esse dinheiro que eu paguei meu casamento, meu carro, meu apartamento (risos), tudo foi virando, sabe, entrada de coisa, porque foi realmente uma realidade que... (pausa) Eu estava falando daqui, né, da nossa entrada.

P/1 – Com Hysteria, antes de ser um projeto da prefeitura, por tudo o que você falou, você já estava apresentando?

R – Sim.

P/1 – Vocês tinham algum retorno financeiro?

R – Não, foi assim, logo no começo, nós apresentamos com nada, era um grupo que ia lá estudar, fazer, fizemos. Aí teve o Projeto Teatro Vocacional, eles convidaram a gente pra trabalhar, eu que fui dar aula lá no Educandário Dom Duarte, na Raposo Tavares, aí eu dava aula pros pequeninhos, era eu e a Raissa, primeiro pra turma dos pequeninhos, depois pros adolescentes, de teatro. Era um projeto muito legal também, que eles, crianças em situação de risco, muitas delas trabalhavam ilegalmente nos postos ali da Raposo, por conta da Marta Suplicy, né, ela recolheu essas crianças que estavam e começou a pagar um valor pra família pra que eles estudassem lá no Educandário. Então eles tinham todos os dias almoço, café da manhã, já iam direto pra escola ou vice-versa, ou saíam da escola e iam pra lá e tinham aula de Inglês, Teatro, Música, Capoeira, eles podiam montar mais ou menos o que eles queriam fazer, e eu dava aula de Teatro, primeiro pros pequeninhos, depois nós ficamos com os adolescentes, no segundo módulo.

P/1 – Como é que você chegou pra dar aula?

R – Por conta do Hysteria, eles chamaram as pessoas do Hysteria mesmo, se a gente não queria pegar o vocacional, aí nós pegamos, porque aí o que a gente ganhava com o vocacional era uma forma de bancar o grupo, assim, minimamente, um dinheirinho, né, mas tudo muito pouco. Aí nós fomos, quando nós fomos pro Festival de Curitiba, nós fomos pro Fringe, então a gente tinha que pagar tudo, aí eu consegui, eu nunca esqueço, bizarro, eu consegui um apartamento em Curitiba emprestado pra gente ficar lá. E a Sara e a Raissa, elas foram no festival oficial com uma outra peça, que elas foram, então elas tinham hotel, tinham não sei o que, e eu, a Janaína e o Lubi fomos pra esse apartamento e a Gisela, como o Luís foi com ela, que ele era mais ou menos o produtor, eles nos ajudava nisso, ainda não era oficializado que ele era o produtor, eles foram pra um hotel, porque eles falaram: “Não”, ele trabalhava no Banco do Brasil, eles falaram: “Não, nós vamos pra um hotel”. Aí chegamos nesse apartamento, não tinha nem luz nem água, era um apartamento vazio, que o homem deu a chave, não tinha nada, gente, era um perrengue, a gente levou uns colchãozinho, assim, aí a gente ia tomar banho escondido no hotel das meninas, tipo, a gente ia lá visitar as meninas e elas tinham até champanhe de manhã, no café da manhã, era um super hotel, tinha prosecco no café da manhã. Então era muito choque de realidade, luta de classes dentro do próprio grupo (risos), só que foi muito louco, porque a gente foi apresentar no Fringe e a peça explodiu, no primeiro dia: “Raaa”, foi uma coisa, saiu na Folha de São Paulo, saiu, não sei o quê e aí começou a ter muita fila. Eu sei que a gente ficava com metade da nossa bilheteria, era uma bilheteria bem pequena, o valor baixo, mas a gente ficava com metade da bilheteria e a gente só foi por, era um investimento, porque a gente pagava pra apresentar, tinha que ter 50 reais por dia pra apresentar, porque eles falavam: “Ah, por causa da estrutura”, “Mas a gente não usa luz, não usa som”, “Mas 50 reais”. Eu lembro que esse dinheiro que a gente conseguiu guardar dos vocacionais pagou, porque a gente fez todos os dias o Fringe, a gente falou: “Já que é um investimento, vamos apresentar tudo”, sei lá, eram sete dias, acho, de apresentação, investimos 350 pau ali no negócio e ficamos meio que dependendo da bondade de estranhos lá e guardamos um dinheiro mínimo pra comer, nós, que não tínhamos onde cair morto, nem luz a gente tinha. Eu lembro que a gente fez uns santinhos, assim, da Hysteria, sabe uns bem pequeninhos? Pra imprimir tudo na mesma folha, pra, né, render, e ficava na porta das apresentações oficiais distribuindo, gente, isso até a primeira apresentação, a primeira apresentação foi meio vazia, só que já tinha dois jornalistas, bombou a segunda apresentação, a gente não precisou mais panfletar, foi lá sucesso. Eu sei que no final a gente, acabou que a gente tirou 550 reais de lucro da apresentação e a gente conseguiu comprar os bancos da Hysteria, porque nós ganhamos os cartazes, por conta de tudo isso, conseguimos uma gráfica que bancou os cartazes nossos e os nossos programas também foi com uma parte desse dinheiro, mas foi o que a gente conseguiu pra primeira temporada em São Paulo.

P/1 – Vocês tinham que ter bancos pra apresentar?

R – É, a gente levou os da EAD escondido, porque eram os bancos que a gente ensaiava.

P/1 – Bancos pra peça ou pro público?

R – Bancos pra peça e pro público, as mulheres sentam com a gente, então tem os bancos. Nós levamos tudo da EAD, meio ali, né, porque tinha uma peça que ensaiava lá que ia pro oficial, a gente tacou no mesmo caminhão, sabe essas coisas? E aí depois o cenotécnico da EAD que fez os bancos nossos mesmo pra gente. E aí na primeira temporada foi na FAU [Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, que a gente conseguiu via USP, FAU Maranhão, o espaço, então a gente não pagava o espaço e já estava tudo vendido, a gente começou a temporada com a Hysteria vendida. Então a gente, no começo, não tirava dinheiro, porque era, mas aí a gente foi chamado pra fazer o Festival do Rio Preto, fomos também, aí já começou a virar cachê, mas tudo ainda, todo mundo se virando com seus trabalhos, pra, né, pra dar conta. Aí, em 2003, chamaram a gente pra fazer todos os dias esse projeto da prefeitura, aí foi um ano que realmente a peça rendeu um dinheiro pra gente bom, né? Aí, em 2004, nós fizemos ainda várias coisas, já estava no processo do Hygiene, em 2005, a gente foi pra França, que também entrou um dinheiro legal, foram três meses fazendo.

P/2 – Como é que vocês foram pra lá?

R – Porque era um... A primeira vez, a primeira coisa, o primeiro lugar que a gente... Foram umas pessoas da França, ia ter o ano do Brasil na França, falaram com o Tó, do Vertigem, e o Tó sugeriu da gente fazer uma apresentação na Casa Número Um, que eles estavam fazendo uma residência na época, pra esses curadores lá da França, fizemos, um deles quis levar a gente já em 2004. Aí, em 2004, ele levou a gente pra Pierrefonds e chamou um monte de programador da França inteira pra assistir em Pierrefonds, aí ele conseguiu fechar um circuito, que era o ano do Brasil na França, então o Ministério da Cultura do Brasil pagava as passagens, dava uma grana que era pra bancar passagem pra ir. E lá, cada região bancava a nossa estrutura na região, hospedagem e alimentação e o cachê artístico, que vinha de cada lugar, que não era muito, mas era um cachê que a gente não tinha gasto, porque tinha alimentação e hospedagem, então virou assim um cachezinho pra gente. Então, assim, a Hysteria tinha como se manter, digamos, porque vira e mexe tinha apresentação, isso e aquilo, mas os meninos e o Hygiene era muito necessário ter algo para bancar essa pesquisa, aí, quando a gente ganhou o fomento, conseguiu, possibilitou da gente fazer aquele super projeto, que, se alguém quiser continuar com o grupo, nunca mais faz na vida, que é de dez horas por dia, seis dias por semana, que era essa a nossa carga horária aqui. Paramos de apresentar Hysteria nesse ano, só coisas muito específicas e ficamos imersos aqui.

P/1 – Durante um ano.

R – Durante 2004 inteiro.

P/1 – Preparando o Hygiene.

R – É.

P/2 – A peça e o espaço aqui?

R – É, tudo isso, porque não existia peça, o texto a gente que faz, né, então é levantar, era um misto de estudo teórico, eu contei esse número, porque pro livro a gente colocou, são 50, foram 51 livros em comum que nós lemos, né, da nossa bibliografia do Hygiene, fora os específicos de cada personagem, que cada um buscou. Então tinha uma parte muito forte teórica, que a gente lia e vinha pra discussão, debate do livro.

P/1 – Eram livros sobre a época ou sobre teatro?

R – Foram vários livros, tinha desde livros de higiene mesmo, sabe, da noção da regra, livro da Faculdade de Medicina, do começo da coisa sanitária, de fiscalização sanitária, desde disso até livros assim, A história da vida privada no Brasil, também O cortiço, do Aluísio, eram vários livros que tinham algum canal. Aí a gente trazia o livro, defendia, se todo mundo achasse: “É verdade, vamos lá”, todo mundo lia, trazia, aí era, foi uma imersão muito grande mesmo e pra levantar projetos. Então tinha essa parte, essa parte teórica forte, teve um momento da gente, o que nos tocou, de você mostrar uma cena, mostrar, parecia uma feira cultural, uma coisa meio rápida, dinâmica de trazer e teve o momento mesmo de levantar a cena de acordo. Separamos em vários personagens possíveis, várias bandeiras, começamos a agrupar, primeiro cada um levantava, sei lá, cada um levantava seis personagens, aí todo mundo trazia, aí tinha, porque nós éramos dez, 60 personagens. “Agora, desses 60 personagens, qual conversa com qual? Quais universos nós estamos tocando?”, separava nos universos: “Falta alguma coisa que não está em universo nenhum, que merecia um universo, pelo nosso estudo?”, “Falta aqui”, “Ah, então tá”, aí foi juntando, foi segmentando. Agora, fase dois, o Lubi começou a propor personagens pra cada um pra você levantar cena, depois o Boleli, que era o diretor de arte, propondo pra outro personagem, pra cada um, pra levantar outras cenas, com foco na coisa de época, direção artística mesmo, de figurino. Depois amigo secreto, eu tirava alguém e eu dava um personagem pra aquela pessoa fazer, eu podia dar o que eu quisesse, se eu quisesse dar texto, se eu quisesse dar uma música, uma referência, de base nesse estudo. Depois, um personagem que eu queira fazer que ainda não foi me pedido, que eu quero apresentar, outra cena, então no final cada um tinha...

P/1 – Vocês levantam cena e apresentavam.

R – Pra gente mesmo.

P/1 – Mas vocês criam a cena a partir do personagem?

R – Sim e cada um sozinho. Aí o próximo passo, colocar esses personagens pra conversar, pra dialogar, colocar como que a gente vai contracenar com esses personagens, aí vai indo, vai indo, até criar a peça inteira, por isso que tinha tanto material, né, também é isso, dez horas todos os dias a gente ficava aqui, então era bem puxado, era tipo das dez da manhã às nove da noite, com uma hora de almoço, todo dia.

P/1 – Você já tinha tido o Chico?

R – Não, essa época não. Aí, quando nós fomos pro Hygiene, pro Arrufos, que já foi todo centralizado, um projeto todo aqui no Armazém, que era outra cara, né, aí coincidiu o projeto do Arrufos com a ida, o convite pra Hysteria ir pra Londres, então a gente tinha também que aprender inglês pra fazer a peça, nesse ano do processo do Arrufos, e foi pós Arrufos, nesse meio aí do Arrufos, que eu engravidei do Chico. Aí engravidei do Chico no Arrufos, quando, fomos pra Londres, aí de Londres, como a gente já estava em Londres, todo mundo combinou de fazer viagens depois disso, aí eu combinei, que eu nunca tinha feito uma lua de mel com meu marido, então ele foi pra lá, aí nós nos encontramos lá e fizemos um mochilão, né, e lá que eu engravidei do Chico. Aí nós chegamos, aí nós voltamos, eu estava grávida, também não sabia, porque um ano antes meu marido descobriu uma leucemia, então ele tinha 26 anos, aí ele passou um ano tomando um remédio, na verdade ele toma direto esse remédio, Glivec, que é um remédio que só mata as células cancerígenas, então não podia engravidar também, sabe, você tinha que esperar um ano pra saber como o corpo ia reagir. A gente nem sabia se já estava tudo ok, mas eu engravidei lá, aí voltou, estava tudo ok, pegou o resultado do exame, e aí quando o Chico, aí engravidei, isso era tipo julho, agosto, aí no ano seguinte tinha um projeto grande do Hysteria, fazer 68 cidades no Brasil, aí foi esse ano que é o que eu falo, que eu fiz,3) eu casei, fiz a lua de mel com o XIX, viajando com o Hysteria. Aí nasceu o meu filho, toda a minha licença maternidade foi também com o XIX, viajando com o Hysteria (risos), porque eu fiquei 40 dias só em casa, o Chico tinha 40, quando o Chico fez 40 dias, ele foi fazer todas as vacinas, porque no 42 nós viajamos.

P/1 – Foi só você, o seu marido ficou?

R – Ficou.

P/1 – O seu filho viajou todas essas cidades?

R – Não, foi assim, primeiro o projeto era Sul, a primeira batelada, de 48 cidades, era Sul, Sudeste, então era Santa Catarina, Paraná, Belo Horizonte, Rio de Janeiro.

P/2 – Foi um projeto incentivado?

R – Do Sesc [Serviço Social do Comércio], Palco Giratório, também 68 apresentações, aquela coisa. E a segunda parte era Norte e Nordeste, como as viagens de ônibus, Norte e Nordeste, eram bem maiores e as estradas piores, eu decidi fazer com ele menorzinho Sul, Sudeste, papapá, e ser substituída no Norte e Nordeste, porque aí ia rolar uma coisa e era mais tempo. Por exemplo, Sul e Sudeste, era uma cidade, era uma apresentação, era um dia por cidade, a gente chegava, apresentava, não, você acordava na cidade, apresentava, viajava à noite pra outra cidade

e dormia, acordava, apresentava, entrava no ônibus e dormia. E minha tia que foi de produtora do XIX, porque aí, durante a peça, ela que ficava com ele, né, mas isso nessa primeira parte, ela foi praticamente em tudo, mas aí depois 4) ele começou a ficar com Lubi durante a apresentação, colocava o sling no Lubi e o Lubi ficava com ele. Porque, durante isso, tiveram umas apresentações e uns projetos fora o Palco Giratório, que aí eu tinha que fazer, sei lá, Paraíba, então foi isso.

P/1 – Ju, vocês aqui, quando vocês chegaram aqui, vocês fizeram atividades com as pessoas, os moradores e depois vocês foram mudando esse jeito de fazer as atividades, hoje eu não sei se vocês continuam fazendo. Se você puder falar um pouco.

R – É, nós começamos querendo conhecer mesmo e achando muito: “Que lindo!”, no começo, a gente queria morar na vila, porque era uma coisa, a gente ficava dez horas todo dia aqui e era uma coisa, uma simbiose, não sei o quê! Só que a gente começou a revelar também esses espaços pra cidade e a vila sempre teve uma relação com esses espaços como casa deles, a maioria daqui cresceu, nasceu aqui, então pra eles é muito normal, assim, colocar o sofá que não cabe mais colocar aqui, tinha uma... E, quando a gente vem pra cá e começa a crescer aqui, começa a revelar que é um espaço público e é um espaço de um uso também que dá uma explodida pra fora daqui, né? Então primeiro teve esse momento muito de amor, de namoro, depois teve um momento que a gente, por parte da vila, a gente sempre foi muito abraçado, mas por parte, teve uma época que a gente foi inclusive ameaçado, porque eles ganham dinheiro alugando isso aqui, entendeu?

P/1 – Eles quem?

R – Os moradores daqui, eles têm uma apropriação tão absurda que eles alugam pra comercial, entendeu? Eles têm um lugar muito...

P/2 – Como espaço cenográfico.

R – É uma pessoa a mais pra disputar esse espaço e, quando a gente está aqui, como é público e é de uso público, eles não podem usar no dia que tem uma apresentação, eles não podem fazer isso, né? De começo, a gente sempre ficou de boa, porque a gente acha que também, ah, é a história de cada um, é o jeito que cada um tem de relação, enfim, porém, cada vez ficou mais claro que o nosso uso, que a gente quer dar pra isso aqui, é público e que não é... Tanto que cada vez mais a gente quer trazer outras pessoas, a gente quer explodir, porque a única coisa que nos justifica aqui é a abertura, que a gente abre o espaço, não é uma sede, é uma residência, né, o tempo todo, então...

P/1 – Não é uma residência?

R – Não, é uma residência muito mais do que uma sede, não é uma sede privada, é uma, só é nossa sede porque é uma residência artística, porque devolve pra cidade, isso pra nós tem que ser muito claro sempre. Então a nossa questão é muito assim, por exemplo, se alguém usa o espaço, o que a pessoa pode pagar, a pessoa paga um funcionário que vai estar trabalhando uma hora a mais, que não está previsto naquele projeto, porque se o projeto banca aquele funcionário, alguém, para estar aqui, não precisa pagar, ela vem aqui, um horário. Você entendeu? A gente sempre... e é ao contrário de como eles fazem, então dá, tem choques o tempo todo.

P/1 – É por meio de alguma associação que eles fazem?

R – Tem duas associações que brigam, inclusive, uma com a outra.

P/1 – Eles é que alugariam o espaço?

R – Sim.

P/1 – Cobrariam?

R – Sim. Então é uma relação delicada, porque, ao mesmo tempo, eles cresceram aqui, eles têm uma história emotiva e muito aqui, então eles também questionam e reclamam esse espaço, que a gente entende, porém, a gente não entende o uso de um espaço público pra questões privadas, né, pra, enfim. Então sempre é política, o tempo todo, a gente conversa o tempo todo, então teve esse momento sim, da gente ir com tudo pra lá e aí começar uma coisa meio, também, e também até de sacar, porque primeiro a gente trazia todas as oficinas pra cá, pra vila. Nem tem um interesse tão, não é real esse interesse: “Ai, queremos muito participar do teatro”, não, é um ou outro, é isso que eu falo, a Kika, essa Kika, por exemplo, que foi a primeira pessoa que a gente viu, ela, já é a terceira oficina que ela faz minha, por exemplo, mas é ela, não tem. Então a gente também começou a ver que era meio mentiroso, era querer colocar uma coisa a força: “Ai, somos integrados”, que não é isso também, e que são interesses diferentes e que tem um momento que estamos conversando juntos, mas tem momentos que não. Então o Arrufos foi quase, a gente se fechou na salinha ali pra peça acontecer, a gente abria muito o projeto, o processo, mas abria pra pessoas interessadas, que era público, nós fizemos um projeto bem legal no Arrufos, que era assim, a pessoa podia se inscrever pra uma oficina e ela podia se inscrever pra ser uma oficina de público, de espectador (risos), que era participar de várias fases do processo, de assistir e conversar com a gente sobre isso, porque eram pessoas que adoram assistir o Grupo XIX e que vinham sei lá quantas vezes no Hysteria, no Hygiene, que gostavam de participar do debate e a gente via que tinha um espaço pra pessoa querer ser público e querer discutir, querer ter uma voz como público. Então o Arrufos foi muito legal, porque tinha essa oficina, então a cada mês tinha um dia de abertura pra essa oficina, pra eles conversarem realmente o papel da plateia na peça, que foi muito legal, né, foi bem, só que nesse daí tinha uma pessoa da vila que participava, uma ou duas que tiveram interesse pra participar, não era mais voltado pra vila: “Ah, oficina era pra vila”, não, já era aberta pra quem quisesse.

P/1 – Pra cidade.

R – Inclusive se alguém da vila quisesse, uma coisa que nós fizemos é que ninguém da vila nunca paga, mesmo se a gente está sem nenhuma. Porque, como que a gente funciona? Se a gente está com subsídio, nós oferecemos os espetáculos públicos, a gente fala público porque é um dinheiro público, então não é que é de graça, você já está pagando com seus impostos, que já está sendo revertido pra Lei de Fomento, como nós estamos via Lei de Fomento, a peça é pública, você tem direito à peça, não é gratuita, né? Então é sempre assim, quando nós não temos nenhum subsídio, a gente cobra ingresso, porque esse ingresso vira minimamente uma ajuda de custo pras pessoas poderem continuar segurando uma onda aqui, mínima. Então, mesmo quando nós estamos sem subsídio, quem mora na região, na vila e na região, não paga, quem está na vila e quer vir numa peça tem direito já a reservar, tem algumas, mas é bem pouco, a taxa ainda é muito mínima, principalmente da vila, agora na região está aumentando, a gente está tentando cada vez mais, porque é uma coisa que é uma vontade nossa, que não rolou, de virar um polo no Belém, muita gente veio pra ver o Grupo XIX, vem de qualquer lugar, não tem muito, agora que cada vez mais tem gente da região que conhece.

P/2 – Vocês já tiveram um desejo ou está no radar de vocês se transformar de coletivo numa instituição, um ponto de cultura?

R – Sim

P/2 – Alguma coisa que converse mais formalmente com essas leis de incentivo?

R – Esse ano passado, até uma amiga minha que indicou, que ele é advogada, de virar uma OSCIP [Organização da sociedade civil de interesse público], eu fui atrás, fomos atrás, conseguimos até um contador, o problema que eu sinto muito: nós não temos essa pessoa, essa pessoa, porque, assim, tudo somos nós seis, tudo, tudo, tudo, e hoje somos cinco, porque o Paulo está afastado do grupo, pediu um afastamento, então somos cinco, tudo, desde a criação. Hoje em dia, a gente tem um repertório muito forte, um braço aí de repertório, tem que se inscrever em tudo o que aparece, papapá, peças, escolas que querem assistir as peças que já existem. Um outro braço, que seria a criação das novas peças, que agora a gente tem duas, que precisamos, né, que é um infantil e um adulto pra esse ano, que é muita coisa.

P/1 – Mas vocês que se colocaram essa proposta?

R – Sim, sim, porque é o nosso projeto, né? E um outro que é a Vila Maria Zélia, o Armazém XIX, que hoje em dia nós temos seis núcleos de pesquisa acontecendo, cada um de nós tem um e tem o Diogo Granato, que está dando o sexto, então que é um lugar de formação, cada núcleo, o meu tem 25 pessoas, por exemplo, 25 artistas, no meu caso, esse ano, são só mulheres, que era esse o tema, desenvolvendo um trabalho artístico e uma pesquisa. Então é mega vertical, porque a gente tenta, nesse núcleo, dar mais ou menos a forma que o XIX trabalha, de alguma forma, então são vários XIX acontecendo ao mesmo tempo, com o XIX acontecendo, com... Então... E somos só nós. Aí nós temos as produtoras que nos ajudam, porém, a Carina, que era essa minha amiga da faculdade, inclusive, fez comigo e com o Lubi, é até uma vontade dela, que ela quer muito entrar num concurso público, enquanto ela não entrar, ela não pode fazer isso, que era justamente virar uma OSCIP, porque todos nós temos muito medo, a gente é muito, eu, por conta do meu pai, eu acho, tenho muito medo de abrir empresa, sabe, uma coisa, porque tem uma questão burocrática que não é da nossa essência mesmo. Eu tenho muita dificuldade burocrática e cada um de nós tem, por isso que em algum lugar a gente se encontrou, não é, né, então a gente tem uma deficiência com a burocracia, até hoje nós somos cooperativados. Hoje em dia, você pode ter MEI [Microempreendedor Individual] pra ser cooperativado, você tem menos descontos, então hoje em dia, pelo menos, mas isso é desde o final do ano passado pra agora, até então a gente, de cara, 20% de INSS, tudo o que ganha, sem direito a nada, não tem nada, eu grávida, com o Chico, papapá, junto, porque...

P/2 – Mas como MEI você...

R – Então, agora, mas na época não, né, então agora...

P/1 – Continua sendo cooperativa?

R – Exatamente.

P/1 – Só que com esse registro com MEI.

R – Exato, agora MEI, cada um tem a sua, mas mesmo assim é um problema, está todo mundo desesperado agora já: “Como que a gente vai fazer a declaração da MEI?”, não é uma coisa, pra nós é um problema. Então eu sinto muito, por exemplo, só de ouvir você falando, eu sinto que teria 500 mil coisas que a gente podia fazer, sabe, de iniciativas como gestão mesmo, de possibilitar essa gestão, porém, nos falta algo, um conhecimento e um tempo mesmo, então eu falo que falta uma pessoa pensando nisso aqui dentro, pra... Hoje em dia, a gente já está melhor, porque a Vanessa é uma produtora só daqui da vila, das nossas atividades aqui na vila, tem a Maria, que está nos produzindo com o fomento, com esse projeto do fomento e mandando todos os projetos novos e ainda temos a Cristiane, que está fazendo produção do infantil, porque é via CCBB [Centro Cultural Banco do Brasil] o infantil. Porém, sempre alguém, eles que vieram atrás da gente, nunca a gente, você entende? Tipo, mandamos projetos pra todos os editais que estão abertos, mas editais, nós nunca, assim, escrevemos uma Lei Rouanet, conseguimos aprovar uma Lei Rouanet ou uma lei de INSS e conseguimos captar, você entendeu?

P/2 – Nos editais vocês se inscrevem como coletivo?

R – Exatamente, por exemplo, já tivemos Lei Rouanet? Já, mas porque nós passamos no edital da Petrobrás, para fazer o edital da Petrobrás nós tínhamos que ter Lei Rouanet, aí nós chamamos um produtor que já manjava de Lei Rouanet.

P/2 – Mas aí ele inscreveu a produtora?

R – Exatamente, exatamente. Então, assim, nós estamos até com a papelada bem andada, mas em algum lugar nos falta, dá um medinho de abrir uma coisa e falar: “Meu, mas e aí, quem vai tocar isso? Como é?”, porque nem um de nós tem essa aptidão mesmo.

P/1 – Ju, você disse que vem atrás, quem vem atrás de você?

R – As propostas, tipo, nós vamos atrás dos editais, a gente inscreve, porém, todos os festivais que a gente já foi, os países, você fala: “Aí, como vocês conseguiram?”, foi uma coisa assim, que ou nos assistiram e convidaram ou não sei o quê, sabe, assim. Então a gente nem pode reclamar, porque a gente teve muito convite nessa vida, de um tempo pra cá bem menos, porque está todo mundo pobre mesmo, os festivais de teatro estão dando dó, assim, do valor que eles têm pra fazer alguma coisa, porém, a gente teve muito convite já. E aí o que a gente faz é inscrever, por exemplo, ano passado, nós inscrevemos, que a gente estava sem nada, nós ficamos aqui o ano inteiro sem nada, só com peça em cartaz e está com a peça em cartaz aí pra conseguir minimamente, nós inscrevemos só de julho pra agosto, eu vi, porque esses dias eu vi no meu computador, está tudo lá, nós inscrevemos 14 projetos.

P/1 – Quem escreve?

R – Nós.

P/1 – Vocês mesmos?

R – Nós. Agora, essa outra produtora que entrou, que é a Maria, esses projetos, desde que ela entrou, é ela que está escrevendo, o que ela não consegue, ela fala: “Ju, preciso justificar”, sabe, então o projeto, a carona, o jeitão do projeto a gente faz, sabe, como que você... porque esse projeto, né, nós que fazemos, mas todo material tem, de tantos anos que a gente escreve projeto. Mas, por exemplo, de todos esses que a gente escreveu ano passado, a gente ganhou o fomento e, mesmo assim, a resposta saiu em setembro, ele caiu em dezembro, então...

P/1 – Fomento é o recurso financeiro?

R – Exatamente. Todos os outros foram não, não, não, não, não.

P/1 – O que são os não? Outros o quê?

R – Por exemplo, ProAC [Programa de Ação Cultural] Circulação, então você pega uma peça que você já tem, você inscreve no ProAC Circulação, um monte de gente inscreve, você pode ser contemplado ou não, não, ProAC Peça Nova, não, Miriam Muniz Circulação, não, não sei o que lá, não, Território das artes, não.

P/1 – Por quê? Você acha que tem um motivo ou não?

R – Eu acho que está todo mundo muito... Por que, o que acontece? São muitos grupos, a questão do fomento, ela deu uma força muito grande pra grupos de pesquisa, são muitos grupos, é muito pouca grana pra muita gente habilitada e legal, interessante, então, na minha cabeça, eu acho, né, que vai de banca pra banca, porque cada projeto tem uma banca. A Itaú Cultural é um projeto super legal, nós passamos eu acho que em três fase, depois também não, mas era projeto do Brasil inteiro. Então, assim, na minha cabeça, primeiro eles olham o projeto: “Esse é interessante, interessante, interessante”, de 60 projetos, 60 não, eu estou falando bem pouco, 160, sei lá, eles vão separar 60 interessantes, desses 60 vão ser dez que vão passar, eles devem fazer: “Ah, esse aqui já ganhou uma vez, esse aqui”, sei lá, vai de banca pra banca. A grana está cada vez mais curta, então em vez de aumentar o orçamento, vai diminuindo e vai aumentando o número de pessoas e de propostas interessantes, aí então tem banca, tem gente que acha que tem que favorecer pessoas que nunca ganharam, tem banca que tem que favorecer projetos continuados. Você entende? São muitas formas de se pensar, né, porém, o fomento é uma lei que foi desenvolvida pra fortalecer grupos, no sentido de projetos continuados, então é justamente pra um grupo poder existir por muitos anos e desenvolver realmente uma pesquisa e uma linguagem, né? Tem outros projetos que não têm essa cara, o ProAC Primeiras Obras, ProAC Estreia, ProAC Estreia, você vai lá e fala: “Eu quero montar essa peça, é esse projeto”, não tem tanto a nossa cara, é um projeto que quase a gente nunca nem entra, porque não tem a nossa cara, porque não dá pra desvincular o Grupo XIX dessas três vertentes. Cada vez mais a gente está entrando em projetos que só vão dar conta de uma coisa, acho que é mais ou menos da forma que a gente está começando, porque tem projetos que talvez tenha a cara do Armazém XIX, que é esse projeto de formação, mas tenha a cara de segurar o repertório, tem outros, entendeu? Então cada vez mais a gente tem que entender isso, mas é um processo, um processo de entender como, daqui pra frente, a gente vai conseguir se gerir, porque a gente depende muito mesmo desses recursos. Ano passado, que foi uma gestão com os nossos repertórios em cartaz, a gente conseguia segurar minimamente, mas teve também os núcleos de pesquisa, que nós oferecemos grupos de pesquisa pagos, baratos, mas cobrados, e foi legal, foi uma boa surpresa, que nós fizemos três, com o número que a gente precisava. Então também foi uma possibilidade de você pensar que numa... que você pode, que você tem já uma cancha de núcleo de pesquisa pra...

P/1 – Esse ano tem quantos?

R – Seis abertos.

P/1 – E o número de pessoas participando, você tem uma ideia?

R – Olha, de inscritos tinha 650, tralalá, aí número de vagas, cada núcleo era pra ter 15, todo mundo aumentou, sabe, o meu tem 25, o da Janaína

tem 30, todo mundo aumentou, né, o número, então vamos pensar, seis vezes 20, mais ou menos, umas 120 pessoas, porque também..

P/1 – Umas 150 mais ou menos?

R – É, porque também nós fizemos, a princípio a gente falou que todo mundo podia se inscrever em mais de um, mas, como tinha muita gente, nós selecionamos a pessoa pra um só cada um, né, pra poder...

P/2 – Hoje vocês conseguem se manter só com o Grupo XIX ou vocês têm trabalho aqui, mas fazem coisas paralelas, como é que é?

R – Basicamente, o grosso, todo mundo, o grosso é do Grupo XIX, porque é o que a gente perde de mais horário, de tempo, porém, todo mundo tem atividade fora também. Porque, com essa questão também do XIX crescer, as demandas pessoais, o que acontece? Cada um vai pra uma área, a Janaina foi super pra academia, então ela tem um lugar que ela é requisitada como profissional pela característica dela, o Lubi, como é diretor, tralalá, eu tenho toda uma relação com o corpo, então eu faço vários trabalhos também de... Eu tenho um trabalho que eu faço, eu sou coreógrafa de vários musicais, mas por conta, isso nem muito a ver com o XIX, era uma coisa que eu já fazia, mas o meu trabalho com o XIX de corpo, de trabalho mesmo de formação, eu sou coordenadora de uma escola de artes pra criança em Goiânia, que tem tudo a ver com o trabalho do XIX, que é trabalho de pesquisa continuada, sabe, nas áreas artísticas, assim.

P/1 – Ju, ainda tem duas perguntas, eu vou tentar resumir.

R – Vamos lá, tranquilo.

P/1 – Primeiro, vocês começaram com século XIX, o grupo, foi alguém do grupo que trouxe? Primeiro, a gente conhece a história, né, que gerou Hysteria, mas aí continuou no século XIX.

R – Foi mais uma coincidência, quer dizer, não tinha nome do grupo, aí o Tô falava: “Ai, o pessoal lá do XIX, do século XIX”, (risos) aí a gente falou: “Ah, então vamos fazer Grupo XIX”, eu lembro até quando a gente decidiu Grupo XIX, a gente falou: “Por enquanto, até encontrar um nome melhor”, foi bem isso. E aí tinha uma questão da pesquisa histórica que nos interessava muito e a utilização de um espaço histórico não convencional de teatro. Então, quando nós fomos pra uma pesquisa número dois, a questão do espaço estava muito na gente, que eram espaços históricos, então não foi à toa que a gente foi pesquisar casa, até porque a gente não tinha uma casa naquele lugar, né, naquele momento, então tinha e nós chegamos nessa fase do final do século XIX, começo do XX, que foi muito forte aqui no Brasil no conceito de casa, de morar. Então foi meio uma, como seu diz? Foi meio uma coincidência, porém, não tão coincidência assim, porque tinha lugares que nos interessavam de pesquisa, né, desses prédios históricos, de tudo isso, tinha muito a ver com o século XIX. Quando foi pro Arrufos, a gente já fez, a Mary del Priori, que foi quem escreveu A história das mulheres no Brasil, que é um apanhado de artigos, ela escreveu A história do amor no Brasil, como as pessoas se amam desde o começo, né, das primeiras, os primeiros registros que tem, no decorrer desse tempo, então acabou ficando uma coisa meio século XVIII, século XIX, século XX, no Arrufos, é meio dividido assim. E depois a gente quis explodir mesmo, falamos: “Não, gente, não tem”, porque nunca foi uma coisa assim: “Ah, vamos pela história”, não, porém, pela nossa temática, por pesquisar também um lugar diferente do teatro, que não era um palco, a gente acabou indo pra um lugar, né, histórico.

P/1 – Continua essa proposta de não ser aquele palco convencional? É uma marca de vocês?

R – Hoje em dia, não é mais uma preocupação. Acho que durante um bom tempo sim, depois nós fomos fazer Marcha para Zenturo no palco, mas aí que foi, mas foi com outro grupo, que foi com um grupo mineiro junto, o Espanca. Agora não é mais, se a gente quiser fazer uma peça no palco que a gente sinta que é contundente, que a gente vai discutir isso, porém, pra nós, eu acho que o lugar da plateia, o lugar dessa pessoa, né, a gente sempre, é uma questão muito forte pra gente como que essa pessoa está vendo, toda vez. Nos núcleos a gente faz muito isso, toda vez que você leva uma cena, você já leva uma cena com a proposta de onde você vai ser visto, proposta, então isso pra nós é muito forte, então talvez o espaço do teatro em sim, hoje em dia, não seja mais um tabu, talvez a gente possa ir se nos interessar contar algo com aquele espaço, não por ser uma caixa preta, mas porque em algum lugar a gente tenta... Todas as peças, nós fomos pra outros lugares, a gente fez essa peça, que foi toda colada aqui na vila, no Pelourinho. Então o que nos interessa revelar dessa higienização lá do Pelourinho com essa história? O que nos interessa? Então em algum lugar a dramaturgia espacial faz parte, né, então se vir a fazer parte, não tem esse problema.

P/1 – E a plateia também pode ou não interagir com vocês ou isso é um pressuposto?

R – A gente acredita que sempre interage de formas diferentes. Teve uma vez que foi com a voz mesmo, teve uma vez que... O ponto de vista da plateia está interagindo absurdamente, mas é sempre meio provocação, não é um lugar de plateia convencional, eu acho que é um lugar sempre, sempre tentando problematizar esse lugar de plateia, sabe? O que que é isso? Sabe? Sempre, pra nós, é muito difícil, por exemplo, se uma peça é pra 50 pessoas, é muito difícil fazer com dez, muito difícil, porque realmente foi pensada pra 50 pessoas, realmente, sabe, tem um lugar ali da plateia, que eu acho que continua sendo uma direção.

P/1 – Eu estou tentando sintetizar. Mas, assim, Grupo XIX, o que vocês, enquanto grupo, vocês, mesmo cada um já tendo outras atividades e tal, vocês comentaram na linha do tempo, que teve momentos de pensar o grupo.

R – Sim.

P/1 – Né? “A gente é grupo?”, eu estou agora interpretando: “A gente é grupo? A gente não é grupo?”. O que é o Grupo XIX na cidade? Não sei se dá pra falar.

R – Eu acho assim, por conta da nossa... Nós começamos jovens juntos, né, então estava todo mundo ainda... Eu acho até que eu não era tão jovem assim, eu estava mais madurinha, mas eles, tipo, a Sara, a Jana tinham 18 anos, era tudo muito assim, a gente estava começando a ser adulto meio junto, né? Eu acho que isso, em alguns momentos da vida, geraram conflitos, de falar: “Até que ponto? Quanto eu faço pelo grupo, quanto eu faço por mim?”, porque nós somos todos artistas, aí é estranho quando um começa a ter vários convites pra alguma coisa, outro não. E tudo a gente joga na roda, eu acho que até por isso que a gente está há tanto tempo junto, porque, em algum lugar, tudo isso sempre foi muito questionado, porque o lugar do diretor é mais privilegiado lá fora do que o lugar do ator e porque que a peça, mesmo sem o diretor acontece, mas sem o ator não acontece. Então como que a gente faz isso? Então, financeiramente, a gente sempre ganhou todo mundo igual. Como que a gente também mede? Então pra nós sempre foi conversado que, em algum momento da vida, eu vou trabalhar mais do que o outro, porque é aquele momento, e vou sempre ganhar igual, em outro momento, isso sempre foi, então a questão do grupo pra mim sempre foi muito política nessas opções, de discutir o mínimo. Nunca ficou, a gente nunca teve dedos pra brigar, nunca, até de chegar e falar: “É um absurdo, porque você é sempre chamado, papapá, não sei o que, e você”, sempre foi muito tranquilo pra isso, eu acho que só por isso a gente continua sendo grupo, porque, em algum lugar, a gente vai dissolvendo esses nós, porque tem e é natural e ninguém é igual a ninguém, não adianta, nunca vai ser. Então, pra mim, ser grupo é uma questão política de nossa escolha, de mesmo sabendo que as pessoas não vão se dedicar ao mesmo tempo igual pro grupo, todo mundo vai continuar ganhando igual, porque é nisso que a gente acredita e a gente acredita nessa... Enfim, na cidade...

P/1 – Em alguns momentos, pessoas saíram do grupo.

R – Sim.

P/1 – Por conta...

R – Por conta disso, quando entrou em contato muito forte o coletivo e o pessoal, sabe? Nós já ouvimos aqui: “Eu já dei tanto pro grupo, agora eu preciso que o grupo dê pra mim”, não sei o quê, papapá, só que o grupo somos nós, não existe uma coisa assim, somos essas pessoas. Se as pessoas pararem todas, ao mesmo tempo, se todas essas pessoas... A gente brincou agora, o Paulo pediu afastamento, a gente falou: “Nesse momento, dá, mas, se todo mundo pedir afastamento ao mesmo tempo, não dá”, aí a gente vai ter que pesar: “Vai acabar ou uma pessoa sozinha vai querer continuar segurando a bucha por um tempo? Como que é?”. Porque tudo vira uma questão, porque nada, tudo pode, né, de acordo com esses acordos todos, tudo pode, então a gente brinca que... Eu acho que todo mundo nos vê também muito assim, a gente faz muita reunião, a gente sempre fez muita, ultimamente, a gente está ótimo, a gente está fazendo muito poucas reuniões, mas a gente sempre fez muita reunião, sempre discutiu muito. Quando a gente trabalhava com esse grupo de Belo Horizonte, eles olhavam, eles falavam: “Vocês brigam com muita tranquilidade, vocês brigam, gritam, daqui a pouco vai todo mundo almoçar junto de boa”, porque a gente sempre teve essa tranquilidade mesmo pra discutir assuntos que são espinhosos, né? E pra cidade, eu acho que o Grupo XIX, eu acredito que as pessoas, não sei, né, mas eu acredito que as pessoas veem muito o lugar da plateia, o lugar do espaço não convencional e o lugar da pesquisa, vejo muito isso. Então eu acredito que as pessoas colocam a gente muito próximo de academia, por conta dos estudos, né, a gente sempre tem essa conversa com a academia, e acredito também que é... Ai, que tem um lugar meio... Não sei, é que eu acho que o Teorema agora ajudou a tirar um pouquinho, mas eu achava que todo mundo tinha uma visão do XIX meio romantizada, meio, sabe, é um grupo, foi lá, todos juntos e eles fazem. Sabe uma coisa meio harmônica? Que eu acho que o Teorema foi bom também pra mostrar um outro lado, porque a peça é extremamente agressiva e ninguém estava acostumado a nos ver nesse lugar, porque parece que nós somos, que eles nos viam meio conciliadores, sabe, assim, um grupo quentinho, assim, que acho que foi interessante o Teorema nesse sentido, né? Agora, pra mim, todas as questões com o grupo sempre foram muito delicadas, hoje em dia, eu sou bem mais tranquila, mas porque eu já percebi, quando eu percebi que eu fui feita pra ser grupo, pra mim dói, assim, quando eu percebi que eu sou feita disso, que eu sou feita de ser grupo, que eu trabalho bem e gosto de trabalhar em grupo. Todas as crises do grupo, que eu percebi que podia acabar, foram muito sofridas por mim, muito mesmo, porque agora que eu acho que eu tenho um lugar mais dilatado e de estar mais em mim também as coisas, porque eu estar num núcleo de pesquisa, eu estou em grupo, não é o Grupo XIX, mas eu continuo ali e eu sei daquele meu lugar, eu tenho essa, então que tudo bem também, sabe, que a vida é tranquila nesse lugar. Eu sinto que a gente está mais forte também, quando a gente parou de ter esse desespero todo de é ou não, de ter que definir toda hora, eu acho que hoje a gente é mais saudável. Acho que várias pessoas que saíram, saíram por 500 mil motivos, não foi só por esse, mas talvez nesse momento não teriam saído, porque a gente também amadureceu, né, enquanto grupo, hoje não precisa fazer reunião de nove horas pra decidir, a gente já sabe mais ou menos como o outro funciona, né, é um casamentão ali, que tem um lado ruim, mas tem um lado muito bom dessa confiança.

P/1 – Muito bom. Quer falar alguma coisa da entrevista, como foi pra você?

R – Ah, eu acho bem legal sempre, porque eu acho que vai lembrando, né? Só hoje eu me dei conta, por exemplo, que eu só conheci os meninos depois quase do Hygiene, que realmente foi diferente, assim. É legal, né, a gente dá uma, faz um negócio assim, dá umas unidas de pontas, né, de cordas que eu acho bem legal.

P/1 – Apesar que vocês estão sempre fazendo esses caminhos, né?

R – É, mas talvez não relacionando tanto com a coisa pessoal, é que é tudo muito misturado, a minha então é tipo: “Segredo pra que, né, gente?”, porque não tem como, sabe, é tudo, a gente é muito, né? E as meninas, por exemplo, da Hysteria, que só fazem Hysteria, só tem eu, a Jana e o Lubi do grupo, mas tem três atrizes convidadas de fora, elas são tão... É um outro grupo que eu tenho, sabe, elas são muito... É todo mundo muito... É bom, eu gosto.

P/1 – Obrigada.

R – Obrigada também, adorei.